

# **AS VISÕES DE DANIEL**

**Aníbal Pereira dos Reis  
(ex-padre)**

**Edições Cristãs**

# INTRODUZAMOS O ASSUNTO

Eis, a guisa de solene frontispício desta obra, a minha confissão categórica: CREIO NAS SAGRADAS ESCRITURAS COMO PALAVRA SANTA, INFALÍVEL E INERRANTE DE DEUS!!!

Em sendo o “Livro de Daniel especialmente considerado na condição de campo de batalha entre a fê e a incredulidade” (E. B. Pussey, *Daniel the Profet*), declaro minha irrestrita adesão à legítima canonicidade do primeiro ao último versículo dos seus doze capítulos protocanônicos todos divinamente inspirados.

Aceito haver sido ele redigido e composto por Daniel durante o período do cativo babilônico (605-538 a. C.) e ser o seu conteúdo de verdadeiras profecias.

Como Daniel preso na cova dos leões, este livro tem sido, ultimamente sobretudo, atirado à sanha destruidora dos racionalistas, modernistas e neomodernistas com fanatismo, alvoroçados no intento de lhes destruir a inspiração divina.

Com efeito, a exatidão do cumprimento das profecias é tão perfeita que só resta aos incrédulos negar-lhe a autoria danielana no seu tresloucado afã de também recusar a divina inspiração de todas as Sagradas Escrituras.

Acho uma graça infinita! Os neomodernistas, que de modernistas nada têm e que de neo só lhes cabe o ridículo, ao se insurgirem contra a canonicidade e a autoria danielana do Livro, apenas repetem a velhíssima arenga de um tal Porfírio, morto no ano 304 d. C..

Esse Porfírio, naqueles idos dos fins do século III e nos primeiros anos do século IV, escreveu livros contra os cristãos, atacando suas doutrinas e satirizando as Escrituras. O seu duodécimo livro foi contra Daniel, supondo ser outro o autor dessa obra escrita ao tempo dos macabeus, uns 350 anos após o desterro babilônico, narrando, portanto, em estilo de ficção profética, os eventos já sucedidos. Segundo essa falsa propositura, o Livro de Daniel não contém profecias, sendo apenas, em estilo sumamente alegórico, um registro de fatos ocorridos.

Os atuais racionalistas, com sua argumentação, apenas revivem as velhas negações de Porfirio. Prestam-nos, todavia, um benefício relevante: colocam o Livro na sua real finalidade. A de definição. É a obra das Sagradas Escrituras que, mais do que qualquer outra, rejeita os meios termos, as conciliações. Ou é uma obra divina ou é uma impostura.. E, se é uma impostura, abandone-se toda a Bíblia por imprestável.

Aceitando-a, como eu a aceito, na qualidade de inspirada por Deus e de autoria do profeta Daniel ao tempo do exílio na Babilônia, constitui-se em divina antecipação dos grandes eventos da História a confirmar que Deus desde o princípio anuncia *“o que há de acontecer, as coisas que ainda não sucederam”* (Isaías 46.10).

Ressaltada minha incondicional fé no Livro de Daniel, insigne gênio do Profetismo, façamos algumas anotações preliminares objetivando melhor entendimento das suas visões proféticas.

## **UMA QUESTÃO DE CRONOLOGIA**

Salta aos olhos do estudioso da História o modo de se contarem os anos. Por ser Jesus Cristo, Senhor nosso, o Centro da História, convencionou-se colocá-LO também como princípio do cômputo dos anos em ordem crescente da Era Cristã. Assim, ano 1, ano 2, 3, 10, 100, 150, 200, 500, 1.500, 1.900, 1.970, 1.978, 1.979, 1.980, 1.981... d. C. (depois de Cristo).

A História, porém, começou muito antes de Jesus Cristo. Nesse caso, os anos a Ele anteriores são contados em ordem decrescente: 722, 700, 587, 538, 330, 198, 170, 168... a. C. (antes de Cristo).

## **ANTECEDENTES HISTÓRICOS**

O Reino do Norte, ou Setentrional, ou das Dez Tribos, que, após o reinado de Salomão, se rebelara, e, sob Jeroboão, se organizara como reino diverso do de Judá, em 722 a. C., foi conquistado pela Assíria (2º Reis 18.9-12).

O Reino do Sul ou de Judá, por seu turno, permaneceu fiel à descendência de Davi e, em três períodos distintos, foi subjugado ao cativeiro de Babilônia: em 605 quando foi deportado o rei Joaquim e com ele seguem para Babilônia Daniel e seus três companheiros: Hananias, Misael e Azarias, todos ainda adolescentes; em 589 a. C., quando Jerusalém foi sitiada; e em 587 a. C., quando essa Capital de Judá foi destruída e o Templo incendiado.

## **DANIEL**

Consoante a onomástica israelítica, o nome é teóforo por significar “Deus é o meu Juiz”.

Chegados ao desterro, o nome de Daniel e o dos seus companheiros são mudados porque o domínio do cativo era absoluto. Daniel passou a chamar-se Beltessazar; Hananias, Sadraque; Misael, Mesaque; e Azarias, Abede-Nego.

Embora assim nomeados pelos babilônios, eles nunca aceitaram o novo nome e os servos de Deus jamais os chamaram por esses apelidos pagãos.

Decerto, para Daniel se constituía em escárnio o apelativo Beltessazar, por este significar “Bel protege a sua vida”, ou a consagração do jovem hebreu ao deus Bel ou Baal a evocar todo o conteúdo daquela narração de Gênesis 11.2-9, onde Babilônia aparece como a terra de homens megalômanos, os quais, desprezando a Deus, por meio dos seus próprios esforços anelavam exaltar o seu próprio nome.

Conquanto chamado por nome pagão, permanecem os quatro rapazes firmes em sua lealdade para com Deus.

A sua notável fidelidade, apesar dos horrores da deportação, se destacou ainda mais na recusa do cardápio real, dentre outras iguarias e acepipes, composto de carnes e vinho especialmente oferecidos aos falsos deuses.

Para evitar carnes de animais imundos de consumo vetado pela Lei de Deus (Levítico 11.2-45; 20.25), rejeitou Daniel esses pratos e essas taças sacrificados aos ídolos (Deuteronômio 32.38) no expressivo testemunho de sua consciência pura e fiel a Deus.

A sua exemplar conduta chamou a atenção de Ezequiel ao ponto de incluí-lo entre Noé e Jó como os três homens admiravelmente justos (Ezequiel 14.14).

Deus premiou a fidelidade de Daniel e dos seus três companheiros, dotando-os de excelente aspecto físico e cumulando-os de excepcional sabedoria.

## **O ASCENDENTE DO PROFETA**

De grande importância sobressaía entre os orientais a interpretação dos sonhos e das visões. É comum encontrá-los na Bíblia como meios utilizados por Deus a comunicar-Se com os homens.

Ao conservar Daniel e seus companheiros no palácio real, o monarca babilônio, apesar de rodeado de adivinhos, planejava instruí-los nas ciências ocultas.

Os magos e encantadores, especialistas nesses conhecimentos, se constituíam numa espécie de sacerdotes-videntes estudiosos das regras da magia, da adivinhação e da astrologia, contidos nos antigos textos sumero-acádicos. Sobretudo da astrologia porque os babilônios consideravam assaz importantes os estudos acerca dos astros em função do governo e da orientação da vida.

A ascendência de Daniel sobre todos eles se prende à legitimidade do seu ministério oriundo do verdadeiro Deus. Suas corretas interpretações e suas visões extraordinárias, além de colocá-lo muito acima dos magos caldeus, traçam os rumos da História até ao triunfo

definitivo de Cristo, metaforizado na PEDRA que “sem auxílio de mãos”, destruirá a prepotência do último império e se tornará grande montanha a encher a terra.

## **DANIEL E APOCALIPSE**

Em defluência de predizer concretos fatos históricos com profusão de imagens simbólicas, o Livro de Daniel é o primeiro e o mais perfeito dos escritos apocalípticos.

Sem estudá-lo, priva-se de entender o Apocalipse de João. Aliás, Daniel e Apocalipse se completam e, por isso, se interdependem.

## **NÃO CIÊNCIA, SIM PRESCIÊNCIA**

Os capítulos subsequentes se limitarão ao estudo das visões do profeta sob o ângulo da evolução da História com o objetivo de comprovar, agora, ao termo do nosso bimilênio, que verdadeiramente Deus anuncia desde o princípio “*o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam*” (Isaías 46.10). E que “*certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas*” (Amós 3.7).

A Bíblia propriamente não é um compêndio de CIÊNCIA. É, sim, um livro de PRESCIÊNCIA.

Conhecendo-o, tornamo-nos contemporâneos do futuro. Nenhum outro evento, por mais empolgante ou mais trágico, nos causará pasmo.

Postos nesta fase do Tempo, quando, à vista dos acontecimentos nos quais supomos irromperem os últimos “sinais” da gloriosa volta do Senhor Jesus Cristo, verificamos o cumprimento, diríamos perfeitamente exato, dos oráculos divinos a nos mover à inabalabilidade da fé nas Escrituras Sagradas, fonte única da revelação divina e palavra santa, inerrante e infalível de Deus nosso Senhor, soberano do Universo que “*dirige os destinos dos povos*”.

## **DUAS OBSERVAÇÕES**

Ao encetar a marcha sobre estas páginas, torna-se assaz recomendável a cuidadosa leitura de todo o Livro de Daniel.

As versais ou palavras e frases em caixa alta, ou em letras maiúsculas, das citações bíblicas encontradas ao longo destes capítulos são do meu alvitre com o intuito de realce.

**.oOo.**

# A MONUMENTAL ESTÁTUA EM FORMA HUMANA

A sabedoria superior e incomum de Daniel é por inteiro comprovada no episódio relacionado com o sonho profético de Nabucodonosor.

A visão em sonhos é do monarca. A interpretação é de Daniel. Por isso incluímo-la neste estudo. Trata-se, outrossim, de um verdadeiro arcabouço de todo o Livro. Um sucinto esquema das subseqüentes visões voltadas todas para uma profecia messiânica concreta.

Com efeito, esse sonho profético do soberano sintetiza toda a História da humanidade a partir do Império Babilônico. Em consequência, o capítulo 2 deste Livro de Daniel, que o consigna, esboça toda a teologia do profeta: a onipotência e a supremacia do Deus de Israel, doador daquela sabedoria de Daniel superior à dos magos; a sujeição dos grandes Impérios à providência de Deus, que *“dirige os destinos dos povos”*; e o sentido messiânico da História porque chegará o instante da implantação do Reino de domínio sempiterno.

## O SONHO SIMBÓLICO

Este sonho consistia em: *“Uma grande estátua; esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível. A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços, de prata; o ventre e os quadris, de bronze; as pernas, de ferro; os pés, em parte, de ferro, e em parte, de barro... Uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como as palhas das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra”* (vv. 31-35).

## FATOS CIRCUNSTANCIAIS

Sobremaneira, realçam eles o sonho.

1)- Naqueles primórdios, à falta da revelação completa das Sagradas Escrituras, Deus comumente Se comunicava por meio de sonhos, como ocorreu com José (Gênesis 35.5-11), com o faraó do Egito, cujos sonhos pelo próprio José foram interpretados (Gênesis 40.8-19; 41.1-36). E, pelo fato de Deus assim Se manifestar, surgiram falsos sonhadores contra os quais se levantaram os profetas (Jeremias 23.28).

2)- Nabucodonosor, o monarca babilônico, perturbado em seu espírito, por causa do sonho, perdeu o sono.

3)- Demonstra-se tirano o rei, à semelhança dos modos despóticos dos soberanos orientais de todos os tempos como o comprova o aiatolá Khomeini dos nossos dias.

Aparentando haver esquecido o sonho para provar a capacidade dos seus magos e encantadores, exige-lhes, sob ameaça de morte violenta e destruição das suas casas, o relato do mesmo e a devida interpretação.

4)- Se, contudo, a exposição e a conseqüente interpretação conferissem com a realidade, os cumularia o monarca de ricas dádivas, recompensas incomuns e grande honra.

5)- Inaudita a pretensão do soberano nos anais da magia. Reconhecem os magos a sua incapacidade de devassar o íntimo do homem (v. 10). Apesar de admitirem ser isso de exclusiva alçada dos deuses (v. 11), os seus deuses não lhes valeram.

6)- Exacerbado o soberano com as considerações razoáveis dos astrólogos a demonstrarem a incapacidade deles, comprovando-lhes as suspeitas, decreta contra eles Nabucodonosor a sumária pena de morte (v. 12).

7)- A ignorância do adivinhos caldeus frisarà a sabedoria de Daniel inspirada por Deus vivo e verdadeiro.

8)- Apesar da desmedida tirania, Nabucodonosor nos propicia uma sempre permanente lição de prudência: a de testar a idoneidade das pessoas. Se aqueles magos pudessem contar-lhe o sonho, cabalmente provariam sua capacidade de interpretá-lo. É uma lição de rara oportunidade para os nossos tempos, quando há por aí tantos “revestidos com o poder do alto”, a “falar línguas”, a profetizar, a prometer curas e mirabolantes prodígios. Se eles podem revelar o recesso dos homens, poderão prever-lhes o futuro. Se falam línguas por eles nunca estudadas e aprendidas, falarão “línguas estranhas”.

## **A INTERPRETAÇÃO DO PROFETA**

Nesse cenário favorável à manifestação do poder de Deus, que “*revela os mistérios*” ou coisas ocultas, Daniel, prudente e decisivo, interveio perante Arioque, capitão da guarda pessoal do rei e chefe do piquete de execução. Surgira a oportunidade de comprovar o profeta a sua extraordinária sabedoria que lhe daria destacada ascendência na corte babilônica.

1)- Conseguindo convencer Arioque a protelar o cumprimento da sentença fatal, apresentou-se ao monarca pedindo-lhe estabelecesse um prazo para o exame do assunto e da interpretação a ser fornecida.

2)- Na condição de muito superior a todos os magos, o profeta não fora consultado entre eles, pois desconhecia o corrido (v. 15).

3)- Daniel, ao se oferecer para interpretar, por completo desconhecia o sonho e o seu significado, mas dispunha de confiança absoluta em Deus.

4)- Recolhido à casa e ao lado de Hananias, Misael e Azarias, informando-os de toda a situação, puseram-se eles em oração a clamar a misericórdia de Deus.

5)- O sonho que era de Nabucodonosor tornou-se em visão de Daniel por lhe haver sido revelado o mistério “numa visão de noite” (v. 19).

6)- Os vv. 20-23 contêm uma magnífica oração de louvor e agradecimento a Deus proferida pelo jovem profeta ainda nos seus 16 a 18 anos.

7)- Daniel procura o capitão Arioque e, por ter o conhecimento e a devida interpretação do sonho, solicita-lhe encaminhá-lo ao soberano.

## **A REVELAÇÃO DO SONHO**

Comparece à presença do déspota soberano.

1)- Nem a imponência do soberbo rei e nem a sua juventude o induzem a sentimentos de inferioridade.

2)- Sua condição de deportado cativo também não o move a silenciar acerca da total desvalia dos astrólogos em todas as suas categorias: *“O mistério que o rei exige, nem encantadores, nem magos, nem astrólogos o podem revelar ao rei”* (v. 27).

3)- Desmascara a impotência dos sacerdotes caldeus diante do próprio soberano e, diante deste, demonstra a origem da sua sabedoria: *“Mas há um Deus no céu, o Qual revela os mistérios, pois fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias”* (v. 28); *“Aquele, pois, que revela mistérios te revelou o que há de ser”* (v. 29).

4)- Naquela conjuntura de vitórias, Daniel, contudo, não se enaltece: *“E a mim me foi revelado este mistério, não porque haja em mim mais sabedoria do que em todos os viventes...”* (v. 30).

5)- E, com pormenores, reproduz o sonho da colossal estátua em forma humana (vv. 31-35).

## **A INTERPRETAÇÃO DO SONHO**

Segundo os hábitos cortesãos orientais, com palavras de exagerados elogios (vv. 37-38), capta Daniel a atenção benevolente do déspota e expõe-lhe a interpretação.

1)- A estátua é feita de material heterogêneo. Vários materiais se incluem em sua composição: o ouro na sua cabeça; a prata no peito e nos braços; o bronze no ventre e nos quadris; o ferro nas pernas, misturado com o barro nos pés.

A qualidade e o valor dos metais decrescem em proporção descendente da cabeça aos pés a fim de atender o simbolismo do valor dos Impérios representados.

2)- A cabeça de ouro é o reino de Nabucodonosor. *“Tu és a cabeça de ouro”* (v. 38). Tenha-se em vista o costume literário de se tomar o rei pelo reino.

3)- As outras peças da estátua simbolizam outras tantas potências mundiais sucessoras de Babilônia.

4)- A que a sucederá logo a seguir (*“o peito e os braços de prata”*) será inferior a ela.

5)- A terceira (*“o ventre e os quadris de bronze”*) *“terá domínio sobre toda a terra”* (v. 39) e será ainda mais inferior.

6)- O quarto Império será simultaneamente forte como o ferro e frágil como a argila, de conformidade com sua alegorização nos pés da estátua, compostos *“em parte de ferro e em parte de barro”*. De todos os metais, conquanto duro, é o de menos valor, decrescendo este ao ser misturado com o barro.

7)- Esta derradeira potência será suplantada por *“um reino que não será jamais destruído”*, simbolizado pela pedra que cairá sobre a estátua e transformando-se em enorme montanha.

8)- Embora Daniel enaltecesse o monarca, não deixou de lhe manifestar a origem do seu poder vindo do próprio Deus (vv. 37-38).

## **IDENTIFICAÇÃO DOS QUATRO IMPÉRIOS**

No próprio Livro de Daniel encontramos a identificação dos três primeiros reinos:

\* A cabeça de ouro é Babilônia (v. 38);

\* A dual potência dos medos-persas é o segundo, porquanto por ela foi Babilônia dominada (5.31; 8.20). Criada pela coligação de dois poderes, como os dois braços da estátua profética, é inferior em glória e brilho como a prata o é do ouro;

\* O Império seguinte é o greco-macedônio (8.21).

\* A identificação do quarto reino, embora seu nome não seja explicado, é fácil. O pormenor importantíssimo aludido no v. 43 da mistura pelos casamentos ou união de povos para explicar a mistura do ferro e do barro, ajuda-nos a identificá-lo como o Império Romano, representado, outrossim, pelos dez dedos.

Outro pormenor relevantíssimo para assim identificá-lo é o do evento do Reino suscitado por Deus na vigência do quarto Império (v. 44). E, de fato, ao tempo do expoente imperador César Augusto nasceu nosso Senhor Jesus Cristo (Lucas 2.1, 7) que *“será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, Lhe dará o trono de Davi, Seu pai; Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o Seu reinado não terá fim”* (Lucas 1.32, 33).

Nas seguintes visões de Daniel nos alongaremos, em seguimento de suas considerações, no exame desta quarta potência mundial.

.oOo.

## **AS QUATRO FERAS ALEGÓRICAS**

No capítulo 3 do seu livro, Daniel consigna a escultura da estátua de ouro e o culto a ela tributado com o inaudito prodígio do livramento dos três amigos do profeta atirados à ordem do soberano Nabucodonosor na fornalha de fogo ardentíssimo.

No capítulo 4 ocorre, em cumprimento do sonho duma gigantesca árvore, o enlouquecimento do enfatuado monarca e sua recuperação quando do seu arrependimento e do seu reconhecimento do poder do Rei do Céu.

O capítulo 5 exhibe-nos o sacrílego banquete de Belsazar e a queda de Babilônia com a conseqüente ascensão do poderio medo-persa.

No capítulo 7 encontramos o profeta outra vez a demonstrar sua impertérrita e inquebrantável fidelidade a Deus, embora lhe custasse a experiência da cova dos leões, da qual, por miraculosa intervenção divina, saiu ileso.

Como que a se constituir em parte eminentemente profética, a partir do capítulo 7, o livro danielano, ao apresentar as visões do profeta, trata, por meio dos seus oráculos divinos, somente de presciência.

Substancialmente, o esquema destas visões da segunda parte do Livro está contida na interpretação do sonho de Nabucodonosor dada por Daniel. Aquele bosquejo geral em que se vislumbra a sucessão ininterrupta dos reinos mundiais a serem suplantados pelo Reino Definitivo, nas visões subseqüentes vai adquirindo novos pormenores e acentuados relevos.

## **LOCALIZAÇÃO HISTÓRICA**

Ocorreram o sonho e as visões ao tempo do primeiro ano de Belsazar no trono babilônico aí por volta de 550-549 a. C..

Na lista dinástica da Babilônia não aparece o nome desse Belsazar como rei. Filho do Imperador Nabônides, da descendência de Nabucodonosor, nunca atingiu ele a categoria plena de soberano. Certamente por motivo da alta idade ou doença de Nabônides, a ele, como seu auxiliar e futuro sucessor, se associou no cetro sem, contudo, nunca havê-lo empunhado de modo pleno.

Nessas condições de substituto eventual do soberano, aparecia ele perante o público como rei em exercício e, por isso, sem entrar em minúcias históricas irrelevantes ao seu propósito, Daniel situa este seu sonho no tempo de Belsazar.

## **A VISÃO**

No capítulo 7, o escritor anota ao seu sonho dos quatro animais: *“Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande. Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão e tinha asas de águia; enquanto eu olhava, foram-lhe arrancadas as asas,*

*foi levantado da terra e posto em dois pés, como homem; e lhe foi dada mente de homem. Continuei olhando, e eis aqui o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados; na boca, entre os dentes, trazia três costelas; e lhe diziam: Levanta-te, devora muita carne. Depois disto, continuei olhando, e eis aqui outro, semelhante a um leopardo, e tinha nas costas quatro asas de ave; tinha também este animal quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio. Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e eis aqui o quarto animal, terrível, espantoso e sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava; era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres. Estando eu a observar os chifres, eis que entre eles subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência... Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo” (7.2-8, 11-12).*

## **A MOLDURA**

“Os quatro ventos do céu agitavam o mar Grande” (v. 2). A visão se enquadra na moldura alegórica do mar sacudido por vendavais desencontrados.

O Mar Grande é o Mediterrâneo sempre sulcado pelos quatro grandes Impérios.

À águas o Apocalipse compara “*povos, multidões, nações e línguas*” (17.15).

O mar revolto é o símbolo das forças perturbadoras e nocivas dos povos em rebeldia contra Deus. É de Isaías a comparação: “*povos que bramam como bramam os mares... como rugem as muitas águas*” (17.12, 13), “*mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo*” (57.20). Jeremias, de sua parte, assemelha a águas revoltas a “*grande nação*” da terra do Norte que, com a sua voz a rugir “*como o mar*” ameaça Jerusalém (6.23; 47.2).

Os quatro ventos saídos dos quatro pontos cardeais, no seu desencontro e na sua fúria, reforçam a agitação dos povos.

## **O PAINEL**

Toda a visão envolve “*quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros*” (v. 3).

“*Subiam do mar*” porque os Impérios procedem do caos tempestuoso dos povos agitados. A História sempre confirma a origem dos governos totalitários nas multidões subvertidas e convulsas quais águas encapeladas.

## POR QUE FERAS?

Os animais são reis (v. 17). Reis como expressão de seus reinos. E por que as potências imperiais não se figuram em animais domésticos, úteis ao homem? Ezequiel, de resto, já compara o faraó ao dragão (29.3).

Sua figuração em feras é algo significativo! Enquanto Nabucodonosor e os políticos contemplam a política na forma de majestosa estatua, os servos de Deus, como Daniel, a veem na semelhança de feras... É uma conclusão lógica a desestimular qualquer um que espera entusiasmar-se por esta política sempre distanciada de Deus, jamais norteada por idealistas tementes ao Senhor, aliás, por ela esmagados se nela pretendem imiscuir-se.

## OS ANIMAIS E A ESTÁTUA

Paralelizam-se as alegorias das diversas partes da estátua do sonho profético de Nabucodonosor e as feras das visões de Daniel esclarecendo estas certos aspectos de cada Império figurado naquela.

O leão com asas de águia corresponde à cabeça de ouro. Assim como o ouro é o metal mais precioso e a cabeça é a parte mais nobre do corpo humano, o leão e a águia são os mais nobres da fauna; o primeiro, rei dos animais terrestres e a águia, a rainha das aves.

O urso é paralelo ao peito e aos braços.

O leopardo é o ventre com as coxas de bronze.

O quarto animal, *“muito forte”*, sem ser figurado especificamente em alguma outra fera, corresponde às pernas de ferro e aos pés de composição de ferro e barro.

## AS FERAS EM PORMENORES E SUA IDENTIFICAÇÃO

Estes *“grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra”* (v. 17)

**1)-** A primeira se distingue por características próprias:

\* *“Era como leão”*. Leão é a brutalidade, a força, a violência. É a fera de mandíbulas trituradoras. No simbolismo profético das Sagradas Escrituras é o Império da Caldeia, *“um destruidor das nações”* (Jeremias 4.7), *“nação amarga e impetuosa... pavorosos e terríveis”* (Habacuque 1.6, 7; Deuteronômio 28.50).

\* *“E tinha asas de águia”*. A águia, rainha das aves, metaforiza a rapidez. É a Babilônia de há séculos predita pelo Deuteronômio: *“uma nação... com o voo impetuoso da águia”* (28.49). A *“grande águia”* da alegoria de Ezequiel, que veio a *“Jerusalém, e tomou o seu rei e os seus príncipes, e os levou consigo para Babilônia”* (17.3, 12). Com extrema

velocidade subjuguou as nações, “*sobe o destruidor como nuvens; os seus carros, como tempestade; os seus cavalos são mais ligeiros do que as águias*” (Jeremias 4.13; 48.40). “*Os seus cavaleiros se espalham por toda parte; sim, os seus cavaleiros chegam de longe, voam como águia que se precipita a devorar*” (Habacuque 1.8).

Babilônia, “*a senhora de reinos*” (Isaías 47.5), “*cujo poder é o seu deus*” (Habacuque 1.11), estendeu, qual águia veloz, o seu “*domínio até à extremidade da terra*” (Daniel 4.22). Os seus cavaleiro, “*todos vêm para fazer violência; o seu rosto suspira por seguir avante; eles reúnem os cativos como areia. Eles escarnecem dos reis; os príncipes são objeto do seu riso; riem-se de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomam*” (Habacuque 1.9-10).

\* “*Foram-lhe arrancadas as asas*” a denotar a perda do aspecto monstruoso da amálgama de leão e de águia, perda essa a exprimir decadência do grande Império Babilônico, predita e confirmada, aliás, pela humilhação pessoal sofrida por Nabucodonosor quando, em castigo do seu desmedido orgulho, foi expulso da sociedade dos homens e passado a, caído de quatro, viver como e entre os animais do campo (Daniel 4.28-33).

\* “*Foi levantado da terra e posto em dois pés, como homem*”. O leão foi humanizado ao erguer-se sobre dois pés e ao infundir-se-lhe um coração humano. É outra identificação com Nabucodonosor quando de sua reabilitação pela clemência divina após a experiência degradante de ser expulso do meio dos homens, comer erva como os bois, e o seu corpo ser molhado pelo orvalho do céu (4.33). Este fato, evidentemente, não deixou de empanar o brilho aurifulgente do seu senhorio que, com essa prova humilhante, começou a se desacreditar.

Em circunstâncias assaz deprimentes registradas em Daniel 5, destruído o poderoso Império simbolizado em seu esplendor pela cabeça de ouro da estátua e, em sua violência sobre as suas vítimas e em sua agilidade nas conquistas, pelo leão com asas de águia, o Império, após um prestígio mundial de apenas 70 anos (de 608 até 538 a. C.), cedeu a sua vez de predomínio à potência medo-persa.

**2)-** A segunda fera também se caracteriza por particularidades próprias:

\* “*Semelhante a um urso*”. Apesar de se distinguir por sua maior voracidade, o urso é mais fraco e lento do que o leão em consonância com a observação de Daniel a Nabucodonosor: “*Depois de ti, se levantará outro reino, inferior ao teu*” (2.39).

Na figuralidade do urso, os exércitos medo-persas, embora menos velozes, são mais sanguinários do que os babilônicos. A sede de sangue dos medo-persas se excedia, ao extremo que, a admitir-se a referência de Sêneca, um dos seus reis mandou cortar o nariz de todo o povo de uma nação.

\* “*O qual se levantou sobre um dos seus lados*”. Do reino dual medo-persa, simbolizado pelos dois braços da monumental estátua de Nabucodonosor, os medos predominaram antes dos persas. Este fato é representado no pormenor de haver o urso se erguido de um lado.

\* *“Na boca, entre os dentes, trazia três costelas”*. Costelas essas que representam as três regiões por último conquistadas, sob o comando de Ciro e Cambises: Egito, Lídia e Ásia Menor, as quais, em mútua aliança, haviam se coligado na persuasão de suplantar as ameaças do inimigo.

Impressiona-nos a precisão dos pormenores destes vaticínios acerca da sucessão dos Impérios figurados na estátua dos sonhos do monarca babilônico e nos animais simbólicos de Daniel.

O admirável, ainda, é que também há cerca de 80 anos antes de Daniel, outro profeta diagnosticara a destruição de Babilônia com a ascensão do segundo Império, o dos medos. *“O Senhor despertou o espírito dos reis dos medos; porque o seu intento contra a Babilônia é para a destruir”*, profetizara Jeremias (51.11). E, por antecipação de cerca de 150 anos, advertiu: *“Consagrai contra ela [Babilônia] as nações, os reis dos medos, os seus governadores, todos os seus vice-reis e toda a terra do seu domínio”* (Jeremias 51.28).

Outrossim, a prata dos braços da estátua de Nabucodonosor, em sendo metal inferior ao ouro da cabeça da mesma estátua, denota a inferioridade em glória deste segundo Império com relação ao de Nabucodonosor (2.39). E, na verdade, conquanto maior em extensão do que Babilônia, era-lhe inferior em magnificência, riquezas e ciências. Essa inferioridade se frisa ainda pelo fato de haver o Império medo-persa se erguido à custa da força ao sobrepujar o anterior reino caldeu que recebera o poder diretamente de Deus (2.37).

### **3)- O terceiro animal se apresenta:**

\* *“Semelhante a um leopardo”*. Este, que corresponde ao ventre e aos quadris da estátua de Nabucodonosor, é um dos três animais aludidos no sonho e é o mais ágil.

\* *“Tinha nas costas quatro asas de ave”*. A celeridade indescritível do leopardo se distingue ainda mais com as quatro asas do seu dorso.

É o Império de Alexandre Magno, filho de Filipe da Macedônia. Desfruíra ele da parte do seu preceptor e mestre Aristóteles, o maior gênio da antiguidade, esmerada educação. Inculcara-lhe o notável, pensador a preocupação pelos problemas da ciência, as elucubrações da filosofia e o gosto acendrado pelos poetas, sobretudo Homero e Eurípedes. Em resultado dessa apurada formação intelectual, jamais encontrada em qualquer outro monarca antigo, Alexandre inspirou o surgimento do helenismo, o pensamento grego, até hoje presente a influenciar a cultura dos povos.

Alexandre Magno, conquistador-relâmpago, representado pelo ágil leopardo a portar sobre as costas quatro asas de ave, em 331 a. C., arrebatou dos medos-persas, depois de terem eles dominado por duzentos anos, a supremacia sobre as nações.

Célere como o leopardo de agilidade quadruplicada com as quatro asas simbólicas, Alexandre, o colosso das conquistas rápidas, em menos de oito meses, com os seus exércitos, percorreu uns 8.200 quilômetros e subjugou no curto prazo de 12 anos todo o mundo do seu

tempo, estabelecendo a potência greco-macedônica, figurada nas ilhargas ou quadris da estátua das visões do monarca babilônico.

\* *“Tinha também, este animal quatro cabeças”*. Cabeças simbólicas dos quatro sucessores de Alexandre Magno, os *Diadocos* com os quais, após a morte prematura do célebre conquistador macedônico, se repartiu o Império: Ptolomeu (Egito, Cirenaica e Arábia), Selêuco Nicator (Síria e Babilônia), Cassandro (Macedônia e Grécia) e Lisímaco (Trácia e Ásia Menor Ocidental).

À parte enfocaremos o quarto animal e sua alegoria.

.oOo.

## A LUTA ÀS MARGENS DO RIO ULAI

No capítulo 8, o Livro de Daniel consigna uma nova visão do profeta enriquecida de informes mais precisos acerca das potências medo-persa e greco-macedônica.

Parecia-lhe estar, ao terceiro ano do reinado de Belsazar, na cidadela de Susã, capital da província do Elão, às margens do Rio Ulai (v. 2). Susã, a futura residência de inverno dos reis persas (Ester 1.2), onde, em Susã, posteriormente, encontrar-se-ia Neemias (Neemias 1.1). O Rio Ulai é o Eulaeus dos escritores clássicos (Plínio, *Hist. Nat.*, 6, 27).

Cerca de dois anos depois da visão das quatro feras, nesta visão Daniel é notificado de alguns aspectos relativos aos dois Impérios.

### O REGISTRO DA VISÃO

*“Levantei os olhos e vi, e eis que, diante do rio, estava um carneiro, o qual tinha dois chifres, e os dois chifres eram altos, mas um, mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para ao norte, e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele, porém, fazia segundo a sua vontade e, assim, se engrandecia. Estando eu observando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; este bode tinha um chifre notável entre os olhos; dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres, o qual eu tinha visto diante do rio; e correu contra ele com todo o seu furioso poder. Vi-o chegar perto do carneiro, e, enfurecido contra ele, o feriu e lhe quebrou os dois chifres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir; e o bode o lançou por terra e o pisou aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do poder dele. O bode se engrandeceu sobremaneira; e, na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre, e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu. De um dos chifres saiu um chifre pequeno e se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa... Aquele carneiro com dois chifres, que viste, são os reis da*

*Média e da Pérsia; mas o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei; o ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha. Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, levantar-se-á um rei de feroz catadura e especialista em intrigas. Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo. Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas”. (3-9, 20-25).*

## **O CARNEIRO MONSTRO**

Gabriel, o mensageiro celeste, elucidou ao amedrontado Daniel a identificação desse monstruoso carneiro (v. 17): *“Aquele carneiro com dois chifres, que viste, são os reis da Média e da Pérsia”* (v. 20; Jeremias 51.11, 28).

\* *“Eis que, diante do rio, estava um carneiro”,* que se paraleliza com o segundo animal da visão anterior, *“semelhante a um urso”* (7.5) e com o peito e os braços de prata das visões de Nabucodonosor.

Se o urso lembra a voracidade sanguinária dos medos-persas, o carneiro amplia as informações sobre esta potência, pois, de acordo com a antiga astrologia babilônico-persa, o reino da Pérsia se subordinava ao signo do zodíaco de aríete.

\* *“Tinha dois chifres, e os dois chifres eram altos, mas um, mais alto do que o outro, e o mais alto subiu por último”.* Os dois chifres denotam o conglomerado étnico medo-persa com a prevalência deste último. O mais alto significa a Pérsia, por haver, na hegemonia nacional, suplantado a Média, apesar de subir depois dela, confirmando assim o símbolo da visão anterior, na qual o urso se levantara sobre um dos seus lados (7.5).

Com efeito, Ciro, o príncipe de Ansã, província do norte da Pérsia, venceu, em 549 a. C., o rei da Média, Istuvegu ou Astyage, anexando-a para formar a dual potência medo-persa.

\* *“O carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte, e para o sul”* numa outra alegoria semelhante à das três costelas entre os dentes do urso (7.5). Procedendo do oriente, avançava o conquistador nessas três direções. E, realmente, Ciro, após absorver a Média, lançou-se para o norte vencendo os lídios instalados no centro da Ásia Menor; depois a parte ocidental do Oriente Próximo; e seu filho e sucessor Cambisses invadiu o Egito até a Etiópia.

\* *“E nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se do seu poder; ele, porém, fazia segundo a sua vontade e, assim, se engrandecia”.* A História registra o exorbitante e furioso poderio medo-persa. Imbatível operante todos os povos subjugados sem esperanças de libertação.

## O BODE DE CHIFRE NOTÁVEL

Gabriel, o intérprete oficial nas comunicações de Deus com os homens, esclarece o profeta: “O bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei” (v. 21).

Por se relacionar duramente com o povo eleito de Deus, a visão particularizando pormenores se prolonga mais sobre este estranho animal.

\* “Eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão”. Este bode corresponde ao leopardo de 7.6 e ao ventre e quadris (ou ilhargas ou coxa) da famosa estátua figural de Nabucodonosor (2.32), símbolo do reino de bronze (2.39).

A alegoria do bode, como tudo na Bíblia, tem também a sua razão de ser. Na província da Síria se fixariam os sucessores de Alexandre Magno, figurado pelo bode. Esses sucessores, os Selêucidas, foram nessa época dos meados do século II a. C. os mais cruéis opressores dos hebreus, o povo escolhido. Ora, a Síria dos Selêucidas estava, no zodíaco babilônico sob o signo de capricórnio, que aparece na forma de bode.

\* “Sem tocar no chão” exprime a sua incontida velocidade já frisada pela figura do leopardo de quatro asas de ave nas costas (7.6).

\* “Do ocidente”, isto é, do Oriente Próximo por ele conquistado, partiu a sua furiosa agilidade de conquistas.

\* “Este bode tinha um chifre notável entre os olhos”. “É o primeiro rei” (v. 21). Alexandre Magno que, tendo atravessado, em 334, o Helesponto, na batalha às margens do Rio Isso vence Dario III Codomano, cruzou a Palestina, conquistou o Egito e se dirigiu à Pérsia vencendo-a em Arbela no ano 331 a. C.. Sobremaneira engrandeceu-se o seu Império até a Índia (v. 8). Detém-se em dois versículos (vv. 6 e 7) o profeta a anotar a crueldade do bode figural contra o carneiro, símbolo do Império medo-persa sem que o pudesse livrar e sua total rendição a Alexandre, figurado naquele agilíssimo bode.

É “o que está expresso na Escritura da verdade” (10.21). Com efeito, a História confirma o canal e exato cumprimento dessas profecias anunciadas com três séculos de antecedência. O próprio Alexandre Magno admitiu a execução delas quando entrou em Jerusalém e o sumo sacerdote Jádua mostrou-lhe o livro de Daniel, no qual se registrara que um príncipe grego destruiria o Império dos persas e disse-lhe que não duvidava de que era ele de quem a profecia fazia menção. “Alexandre ficou muito contente...” (Flávio Josefo, Hist. dos Hebreus, Ant. Jud., 1, XI, c. 8).

\* “E, na sua força, quebrou-se-lhe o grande chifre”. O inesperado acontecimento chama a atenção por se romper brusca e violentamente a arrancada triunfal do impetuoso conquistador. Ainda em plena mocidade, com apenas 32 anos de idade e 8 anos de cetro imperial, Alexandre Magno, no ano 323 a. C., morreu vítima de seus desregramentos e intemperanças e sem tempo de preparar seu imediato sucessor.

\* *“E em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu”.* São estes novos quatro chifres paralelos às quatro cabeças do leopardo (7.6).

Esses quatro chifres ou quatro cabeças são quatro reis. *“O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, não com força igual à que ele tinha”* (v. 22).

O prognóstico das Escrituras, com exatidão perfeita, se efetivou. Tendo Alexandre morrido prematuramente e sem deixar descendente para sucedê-lo no trono, o Império greco-macedônico foi conturbado por sangrentos combates e revoluções intestinas na árdua porfia pelo cetro por parte de quatro generais ambiciosos. Com o armistício celebrado depois da batalha de Ipsos, na Frígia, em 301 a. C., o Império foi repartido entre eles quatro, sendo, portanto, o reino quebrado e *“repartido para os quatro reinos do céu”* (11.4).

As páginas da História anotam os nomes desses quatro generais, os *Diadocos*, e o país tocado a cada um: Cassandro, ao vento ocidental: Macedônia e Grécia; Lisímaco, ao vento norte: Ásia Menor, com a Trácia, Paflagônia e o Ponto; Selêuco Nicator, ao vento leste: Síria e Babilônia; e Ptolomeu Lago, ao vento sul: Egito, Cirenaica e Arábia.

.oOo.

## **O CHIFRE EXCRESCENTE**

Do capítulo 8 Daniel consagra quase a metade dos versículos a descrever a atuação dessa estranha ponta, uma anomalia entre as outras anomalias.

Ao ser informado dos vaticínios das crudelíssimas vicissitudes pelas quais passaria o seu povo sob a atuação de *“um rei de feroz catadura”*, sofreu o profeta esmagadora depressão (v. 27).

## **O REGISTRO PROFÉTICO**

*“De um dos chifres [daqueles quatro chifres surgidos na cabeça do bode alegórico] saiu um chifre pequeno e se tornou muito forte para o sul, para o oriente e para a terra gloriosa. Cresceu até atingir o exército dos céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou. Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército; dele tirou o sacrifício diário e o lugar do seu santuário foi deitado abaixo. O exército lhe foi entregue, com o sacrifício diário, por causa das transgressões; e deitou por terra a verdade; e o que fez prosperou... O ter sido quebrado [aquele primeiro chifre do bode], levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha. Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, levantar-se-á um rei de feroz catadura e especialista em intrigas. Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos*

*e o povo santo. Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas” (vv. 9-12, 22-25).*

## **SUA PROCEDÊNCIA EM DESTAQUE**

De um daqueles quatro chifres figurais, dos *Diadocos*, ou seja, Selêuco, um dos quatro generais sucessores de Alexandre Magno ao qual coube uma das quatro partes ou satrapias do Império Grego, Selêuco, princípio da dinastia dos Selêucidas é de quem se originou essa ponta excrescente.

## **CHAMO A ATENÇÃO**

Em Daniel encontram-se dois simbólicos chifres PEQUENOS. Aqui em 8.9 e em 7.8 com os respectivos versículo nos quais se desenvolve a atuação de cada um.

Não é porque ambos são designados de chifre pequeno que representam a mesma coisa ou o mesmo personagem. Na leitura e pesquisa das Sagradas Escrituras devemos empregar a nossa inteligência, Inteligência que é, por sinal, a faculdade mais nobre do homem.

Ambos os chifres pequenos são por completo diferentes na sua origem e na sua alegoria. Essa conclusão nem exige grandes esforços de raciocínio.

Com efeito, a ponta pequena de 7.8 procede do MEIO dos DEZ chifres do QUARTO animal dos sonhos e visões de Daniel, ocorridos no primeiro ano de Belsazar.

O chifre pequeno de 8.9 sai de UM dos QUATRO chifres (não do MEIO deles) do BODE, que corresponde ao TERCEIRO animal, o leopardo, das visões proféticas de Daniel consignadas no capítulo 7.

Frisem-se, outrossim, as outras diferenças de origem deles: um sai do MEIO e o outro de UM dos chifres; um sai do meio de DEZ chifres e o outro de um dos QUATRO; um sai do QUARTO animal e o outro do TERCEIRO.

Por corresponder o quarto animal ao Império Romano, o chavelho de 7.8 se origina desse Império. E, por se identificar o terceiro animal, o leopardo, paralelo do bode das visões junto ao Rio Ulai, com o Império Grego, deste Império, é evidente, via general Selêuco Nicator, procede o chavelho de 8.9.

Quando desenvolvermos a atuação do chifre pequeno de 7.8 notaremos a diferença diante da atuação do chifre de 8.9, tanto mais que iremos focalizar o assunto também à luz de Apocalipse 13.

## **SUA IDENTIFICAÇÃO**

A Profecia é a História *a priori* narrada! Por conseguinte, inelutavelmente esta confirma aquela.

O chifre pequeno de 8.9, originário de Selêuco Nicator é ANTÍOCO IV EPIFANES, o “*rei de feroz catadura*” (v. 23), autêntico herdeiro da dinastia dos Selêucidas, distinguidos como cruéis perseguidores dos israelitas ao tempo dos macabeus.

## **SUA VIOLENTA ATUAÇÃO**

*“Grande é o seu poder... causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo... E destruirá a muitos que vivem despreocupadamente”* (vv. 23-25).

Havendo crescido “*muito forte para o sul, para o oriente*”, ou seja, o Egito e a Mesopotâmia, respectivamente, estendeu-se “*para a terra gloriosa*” (v. 9). “*Terra formosa*” ou “*terra gloriosa*” (11.16). É a terra de Israel pela sua fertilidade e excelência. “*Uma terra... a qual mana leite e mel, coroa de todas as terras*” (Ezequiel 20.6, 15). É por isso a “*terra desejável*” (Zacarias 7.14).

Com efeito, Antíoco IV Epifanes, em suas marchas ao Egito, invadiu reiteradamente a Palestina.

## **SUA ARROGÂNCIA**

*“Cresceu até atingir o exército dos céus... Sim, engrandeceu-se até ao príncipe do exército”* (vv. 10-11). É a altivez arrogante de Antíoco IV Epifanes contra Deus à semelhança de Lúcifer quando intentou subir acima das nuvens e igualar-se ao Altíssimo e dizia: “*Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei*” (Isaías 14.13-14). Arrogando-se a condição de divindade, Antíoco IV apresentava-se como Júpiter, cunhando mesmo em suas moedas uma estrela na frente de sua esfinge (2º Macabeus 9.10).

Ao ambicionar engrandecer-se até Deus, “*a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou*” (v. 10), quer dizer, com a sua opressão violenta no intuito de helenizar a Palestina, conseguiu fazer alguns destacados representantes do povo hebreu abandonarem a religião verdadeira de Deus. Como em Apocalipse 1.16, 20, as estrelas simbolizam os líderes das igrejas, aqui representam elas os dirigentes do povo eleito.

Em sua cobiça desmedida atacou em 168 a. C. o Templo em Jerusalém, suprimindo o “*holocausto contínuo*” estabelecido por Deus desde Moisés (Êxodo 29.38-42) e “*deitou por terra a verdade*” (v. 12), quer dizer, tudo empenhou no sentido de destruir a fé monoteísta dos israelitas por ambicionar substituí-la por normas helênicas.

A profanação do Templo culminou quando Antíoco Epifanes, após mandar sacrificar em seu interior suínos, entronizou o ídolo abominável

sobre o altar dos sacrifícios. É a “*abominação da desolação*” na tradução da Vulgata (v. 13).

Os servos fiéis do Senhor amargaram essa “*transgressão assoladora*” por “*duas mil e trezentas tardes e manhãs*” depois das quais o santuário foi purificado (v. 14).

“*Tardes e manhãs*”, em lugar de dizer dias, no propósito de computar o número de sacrifícios omitidos, os quais deveriam ser oferecidos um pela manhã e outro à tarde.

As “*duas mil e trezentas tardes e manhãs*”, por conseguinte, abarcam mais ou menos três anos e meio.

Essa frase, de resto, corresponde às expressões correlatas: “*um tempo, e tempos, e metade de um tempo*” (7.25) e “*metade da semana*” (9.27).

Também essa profecia da supressão do “*holocausto contínuo*” pelo período de “*duas mil e trezentas tardes e manhãs*” cumpriu-se.

A tribulação culminada com a “*abominação da desolação*” imposta por Antíoco Epifanes aos santos do povo hebreu é um acontecimento profetizado e profético. Profetizado por Daniel e cumprido pelo feroz Antíoco. Cumprido pelo sanguinário “*chifre pequeno*”, tornou-se em si mesmo acontecimento profético da “*GRANDE TRIBULAÇÃO*” do fim definitivo dos tempos, prevista por nosso Senhor Jesus Cristo (Mateus 24.15).

.oOo.

## AS SETENTA SEMANAS

Dedicava-se o piedoso profeta Daniel ao estudo sério das Sagradas Escrituras. Nelas perscrutava os desígnios de Deus relacionados ao seu posto em duro cativo na Babilônia. Quando ainda adolescente, deportado com seus patrícios, saíra de Jerusalém e dela se lembrava, evocando, com saudades, as festas do Templo. Ao longo de todos aqueles anos de exílio presenciara a angústia do seu povo e com ele sofrera. Agora, já envelhecido, anelava assistir ao livramento da pátria desterrada.

Bastante tempo passara desde a visão às margens do Rio Ulai, no terceiro ano do reinado do último rei babilônico, Belsazar, quando Gabriel lhe explicara a alegoria do carneiro e do bode peludo. O cetro caldaico passara às mãos de Dario, da linhagem dos medos.

No primeiro ano desse imperador, meditava o profeta sobre o conteúdo da célebre profecia de Jeremias acerca do prazo do cativo: “*Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações servirão ao rei da Babilônia SETENTA ANOS. Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os SETENTA ANOS, castigarei a iniquidade do rei da Babilônia*” (Jeremias 25.11-12). “*Assim diz o Senhor: Logo que se cumprirem para Babilônia SETENTA ANOS, atentarei para vós outros e*

*cumprirei para convosco a Minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar”* (Jeremias 29.10; 27.22).

Anelava o fervoroso Daniel o cumprimento desse prazo cujo final se avizinhava. Com efeito, em 605 a. C., com o rei Joaquim se dá o exílio da primeira leva de judeus e, em 587 a. C., no décimo nono ano de Nabucodonosor, com o incêndio de Jerusalém pelo soberano babilônico, se confirma o desterro com a deportação do rei Zedequias (2º Reis 25.8-11). Em 539 a. C., dera-se a ascensão do monarca Dario, quando Daniel se preocupava com o assunto do livramento do seu povo e por ele orava com fervor. Portanto, já decorreram quarenta e oito anos de exílio, desde a tomada de Jerusalém e mais de sessenta anos desde os primeiros deportados.

É de destacada utilidade recordarmo-nos que Dario, aos sessenta e dois anos de idade, ascendeu ao trono dos medos conquistador de Babilônia. Reinou apenas um ano, em 539 a. C., sendo sucedido pelo persa Ciro (Daniel 6.28). Em Esdras (4.5) encontra-se o mesmo nome Dario, mas se trata de outro monarca. Quando somos esclarecidos não ficamos perplexos diante de algum ignorante que quer ver contradições na Bíblia.

Prossigamos! O episódio de nossas reflexões sucedeu no primeiro ano do reinado de Dario, às proximidades dos setenta anos previstos por Jeremias 25.11-12; 29.10; 27.22.

Inquietava-se, porém, o já ancião profeta por não vislumbrar naquele momento da passagem do domínio babilônico para o medo-persa nenhum sintoma de livramento. Pôs-se, então, a clamar ao Senhor numa das mais contritas orações guardadas pelas Escrituras (Daniel 9.4-19), cuja leitura sempre nos impressiona, sensibiliza e instrui.

O próprio Daniel, de resto, com essa súplica recalcada de contrição, cumpria uma outra profecia de Jeremias: *“Então Me invocareis, passareis a orar a Mim, e Eu vos ouvirei. Buscar-Me-eis e Me achareis quando Me buscardes de todo o vosso coração”* (Jeremias 29.12-13).

Ouviu o Senhor a oração de Daniel. Encontrou-O o profeta: *“O homem Gabriel... veio rapidamente, voando”* (Daniel 9.21) e chamou a atenção de Daniel: *“Considera, pois, a coisa e entende a visão”* (v. 23) e, aludindo aos setenta anos da profecia de Jeremias, prossegue: *“SETENTA SEMANAS estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos. Sabe e entende: Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, SETE SEMANAS e SESSENTA E DUAS SEMANAS; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das SESSENTA E DUAS SEMANAS, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por UMA SEMANA; na metade da semana, fará cessar o*

*sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele” (Daniel 9.24-27).*

Requer-se de nós aquela mesma acurada atenção por Gabriel exigida de Daniel. Deter-nos-emos, pois, em algumas considerações acerca desse período de SETENTA SEMANAS.

**1)-** Aproximava-se do fim o prazo do desterro estabelecido por Jeremias em 25.11-12, 29.10 e 27.22. Por isso Gabriel se refere à *“saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém”*. Portanto, as SETENTA SEMANAS não se relacionam com o período desse cativo e nem o incluem. Trata-se de um prazo referente a outros acontecimentos. Acontecimentos futuros para Daniel.

**2)-** Não há, outrossim, de se tomar literalmente essas SETENTA SEMANAS como se fossem 490 dias correspondentes a setenta multiplicados por sete que são os dias de cada semana, porque os fatos aludidos por Gabriel demandaram muitos anos para se cumprirem.

O vocábulo hebraico *CHABUA*, que quer dizer hebdômada, comumente traduzido por SEMANA, fundamentalmente significa SETENÁRIO, que é o espaço de sete dias ou de sete anos. O de sete anos se justifica pela existência do ano sabático (Levítico 25.8) e também pela palavra de Ezequiel 4.6: *“cada dia por um ano”*. Cada sentido de SETENÁRIO, de sete dias ou de sete anos, há de ser estabelecido pelo contexto. Em nosso caso presente, o contexto, é evidente, exige o de sete anos. São, portanto, setenta períodos de sete anos cada um, ou quatrocentos e noventa anos ao todo.

**3)-** Também não se há de entender matematicamente aqueles setenta anos de Jeremias, porquanto, se o cativo começou em 587 a. C. e principiou a terminar com o decreto de Ciro (2º Crônicas 36.22-23; Esdras 1.1-4) em 538 a. C., sob o reinado de Ciro, da Pérsia, na verdade, perdurou pelo espaço de QUARENTA E NOVE ANOS. E se se começar a contar a partir de 605 a. C., quando Joaquim e a primeira turma de hebreus foram exilados, de igual forma não se completam os setenta anos.

O número SETENTA, portanto, há de ser tomar como simbólico. Provavelmente adotou-se o número sete multiplicado por dez, Algarismos consagrados nas Escrituras como símbolo de multitude e de plenitude. Como simbólicos de SEMPRE ou INDEFINIDAMENTE, Jesus empregou os Algarismos SETE e SETENTA quando disse a Pedro que se deve perdoar SEMPRE (Mateus 18.22).

A relatividade desse simbolismo dos SETENTA cuja compreensão se deve ao contexto onde é empregado se infere, outrossim, do fato histórico, como já vimos, de entre a *“desolação”* de Jerusalém, quando o Templo foi incendiado, em 587 a. C., e o decreto de Ciro, permitindo o regresso dos israelitas para a sua terra, em 538 a. C., mediar apenas quarenta e nove anos e não setenta exatos.

Com efeito, admito o ponto de partida no cômputo dos setenta anos de Jeremias a “desolação” de Jerusalém transformada em “espanto” com a sua completa destruição no décimo nono ano de Nabucodonosor (2º Reis 25.8-10). E não a primeira saída dos judeus ao tempo do rei Joaquim em 605 a. C.

E há mais! Logo após ao decreto de Ciro em 538 a. C., apenas quarenta e dois mil, trezentos e sessenta hebreus, sob o comando civil de Zorobabel, neto do rei Joaquim, subiram a Jerusalém (Esdras 2.64). Muitos, ainda por longos anos, permaneceram no desterro.

Após a saída de Zorobabel com os seus quarenta e dois mil, trezentos e sessenta comandados, no cativo permaneciam muitos hebreus, como se infere do livro de Êster. Ao tempo do rei persa Xerxes, cognominado Assuero (485-465 a. C.), dentro das cento e vinte e sete províncias circunscritas nos limites da Pérsia, que iam da Índia à Etiópia (Êster 1.1), espalhava-se o povo israelita em grande multidão (Êster 3.8; 10.3), da qual se destacaram Ester e Mardoqueu, protagonistas das intrigas de Hamã, das quais resultaram no duodécimo ano do reinado de Assuero (437 a. C.) a exaltação de Mardoqueu e o estabelecimento da Festa do Purim.

Esdras, chefe da segunda caravana de retorno, acompanhado de mil setecentos e cinquenta e cinco judeus, seguiu para Jerusalém somente no sétimo ano de Artaxerxes da Pérsia (Esdras 7.8-9), isto é, em 458 a. C.. Portanto, oitenta anos após a libertação da primeira expedição com Zorobabel e cento e vinte e nove anos depois do início do desterro.

Neemias é outro exemplo. Ele só obteve sua alforria no ano vigésimo de Artaxerxes (Neemias 2.1), ou seja, em 445 a. C.. Portanto, treze anos depois de Esdras; noventa anos após os primeiros repatriados e cento e quarenta e dois anos depois da “desolação” de Jerusalém.

Se quisermos nos restringir a um cômputo literal das SETENTA SEMANAS proféticas de Daniel, a sermos coerentes, devemos fazer o mesmo com os setenta anos também proféticos de Jeremias e, então, teremos sérias dificuldades na contagem.

Releva notar-se ainda o pormenor de se começar a contar o prazo destes setenta anos a partir da “desolação” de Jerusalém, quando a cidade foi incendiada (2º Reis 25.9). Começa-se, outrossim, a contar as SESSENTA E NOVE SEMANAS proféticas de Daniel a partir “da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” (Daniel 9.25). Ora, o incêndio de Jerusalém ocorreu em 587 a. C. e a ordem de sua reconstrução, em 445 a. C.. Entre esses dois eventos há cento e quarenta e dois anos. Dois anos a mais do dobro dos setenta anos literais.

À luz dessas considerações bem fundamentadas, acredito não há de se tomarem literalmente as SETENTA SEMANAS proféticas. Considerá-las-emos simbólicas a designarem um largo período de tempo. São proféticas sem a necessidade de se restringirem a rigorosos limites aritméticos.

**4)-** Os israelitas conheciam as “*semanas de anos*” desde que as leis do ano sabático e do jubileu, segundo Levítico 25.1-4.

Neste caso da visão de Daniel, os SETENTA ANOS de Jeremias se convertem em “SETENTA SEMANAS DE ANOS”. Ampliam-se, pois, de modo considerável os horizontes da expectativa dos hebreus deportados, que devem aguardar muitos anos para a sua libertação plena em defluência da retirada da prevaricação e do pecado a suceder na plenitude da Era Messiânica (v. 24), quando, desaparecendo o pecado, instaurar-se-á o reinado de Justiça e da Equidade (Isaías 1.25-27; 9.6-7; 4.3-4).

**5)-** Aquele próximo livramento ao se cumprirem os setenta anos dos prognósticos de Jeremias, apesar de parcial por causa da permanência dos pecados, constituir-se-á em figura ou tipificará o advento da Era Messiânica.

Na perspectiva do anúncio de Gabriel não se cuida tanto da reconstrução material de Jerusalém após o cativo babilônico, mas da manifestação total do venturoso Reino Messiânico.

**6)-** Tendo anunciado esse enorme período no qual irromperão os “sinais” do advento da Era Messiânica, o anjo emissário minúcia os fatos a ocorrerem ao término das SETENTA SEMANAS de anos, ou seja, quatrocentos e noventa anos, levando-se em conta, recorde-se, o valor simbólico desses números.

Dentro dessa esquematização histórico-temporal, as boas novas se centralizam na implantação da Justiça Eterna, porque no Livro de Daniel tudo converge em função da Profecia Messiânica concreta.

**7)-** Gabriel divide o prazo das SETENTA SEMANAS em DUAS partes distintas:

PRIMEIRA: A de SETE SEMANAS E SESSENTA E DUAS SEMANAS (v. 25), isto é, quatrocentos e oitenta e três anos;

SEGUNDA: A de UMA SEMANA, ou seja, sete anos, em cuja metade cessarão o sacrifício e a oblação (v. 27).

**8)-** Qual o critério a adotar-se no cômputo desse período? Qual o seu *terminus a quo*? (*Terminus a quo* é o ponto de partida dessa contagem cronológica). E qual o seu *terminus ad quem*, ou o ponto final dessa mesma contagem? A partir de quando se começa a computar as setenta semanas? E até onde elas irão?

**9)-** O *terminus a quo* se fixa na palavra do próprio Gabriel: “Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” (v. 25).

A contagem, por conseguinte, não pode ser principiada a partir do primeiro ano de Ciro quando decretou o retorno dos hebreus à sua terra e a autorização para a reconstrução do Templo (2º Crônicas 36.22-23; Esdras 1.1-5; 2.1; 3.1).

Esse cômputo também não pode ser principiado com o decreto de Artaxerxes I, rei persa, no sétimo ano do seu reinado, decreto esse

permitindo ao sacerdote e escriba Esdras transportar ao Templo de Jerusalém o ouro, a prata e as ofertas voluntárias (Esdras 7.8-28).

Gabriel esclarece com clareza cristalina o ponto de onde se deve começar a contagem das sessenta e nove semanas de anos: “Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” (v. 25).

Frisem-se os seguintes itens da frase:

\* “desde a saída da ordem” e não do final da obra de restauração;

\* “para restaurar e para edificar Jerusalém”, a cidade e o Templo.

Por conseguinte, o ponto inicial do cálculo desse período é o da saída desse decreto para a reedificação da cidade de Jerusalém. Isto, conforme a História, aconteceu no ano 445 a. C., quando Artaxerxes I, monarca persa, no vigésimo ano do seu reinado, autorizou a Neemias reconstruir a cidade de Jerusalém (Neemias 2.1, 7-8).

**10)-** O *terminus ad quem*, ou seja, o ponto final do cômputo das sessenta e nove semanas de anos acontece com Jesus Cristo, o UNGIDO ou MESSIAS: “Desde a saída da ordem... ATÉ o Ungido [Messias], Príncipe” (v. 25).

O termo UNGIDO em hebraico é MESSIAS e em grego é CHRISTOS. Quem é esse UNGIDO, o MESSIAS, o PRÍNCIPE?

Sem qualquer sombra de dúvida, é nosso Senhor Jesus Cristo!

Esse UNGIDO (Messias, Cristo) só pode ser Jesus Cristo também pelas circunstâncias relevantíssimas de se constituir a profecia de Daniel em eminentemente messiânica. Todas as suas visões se centram em Jesus Cristo.

Com essa qualificação, pela primeira vez, externou-Se Jesus à mulher samaritana ciente da Sua vinda: “Eu o sou, Eu que falo contigo” (João 4.26). Confirmou-o perante o sumo sacerdote Caifás ao conjurá-lo que dissesse ser ou não Ele o Cristo, o Ungido, o Messias e, por confirmá-lo, lavrou-se Sua condenação (Mateus 26.63-66).

Ele é o PRÍNCIPE: “Eis que Eu O dei por testemunho aos povos, como Príncipe e Governador dos povos”, promete Deus em Isaías 55.4. “O governo está sobre os Seus ombros: e o Seu Nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9.6). É Ele “o Príncipe dos reis da terra” (Apocalipse 1.5 – Corrigida). É Ele “o Príncipe da vida” (Atos 3.15 – Corrigida). É Ele “o Príncipe da salvação” (Hebreus 2.10 – Corrigida). A contagem das sessenta e nove semanas de anos será até o nascimento ou o ministério de Cristo? Ou até algum dos Seus estupendos milagres como o da multiplicação dos pães ou a ressurreição de Lázaro?

As Escrituras também neste particular são rigorosamente claras ao nos exibirem a resposta precisa: Até ser “morto o Ungido” (v. 26).

Jesus “foi cortado da terra dos viventes” (Isaías 53.8) com a Sua morte! É indiscutível!

Em conclusão: O anjo Gabriel, com inquestionável clareza estabelece o ponto inicial para o cálculo das sessenta e nove semanas de anos do decreto de Artaxerxes para a reedificação da cidade de Jerusalém, no ano 445 a. C.; e também estabelece o ponto final desta contagem no evento de ser CORTADO o Ungido, o Príncipe.

**11)-** Recorde-se! Convencionalmente, divide-se a História em duas grandes partes: ANTES e DEPOIS de Cristo. Os anos anteriores a Cristo são computados em ordem decrescente: 605, 604, 603, 602... até o ano 1. E os depois de Cristo em ordem ascendente ou crescente: 1, 2, 3... 31, 32, 33... 1978, 1979, 1980, 1981...

Ainda uma observação assaz importante! No nosso calendário atual há um erro de contagem por ter sido fixado com o *atraso de quatro anos*. Neste caso, o ano 33 da idade terrena de Jesus aconteceu realmente no ano 29 d. C.. Ou seja, Jesus Cristo nasceu, não no ano 1 da nossa era, mas no ano 4 a. C..

Portanto, somando-se os quatrocentos e quarenta e cinco anos da antiga era anterior a Cristo com os vinte e nove anos da nossa era cristã, temos QUATROCENTOS E SETENTA E QUATRO anos, que correspondem ao período das sete e mais sessenta e duas semanas convencionais de anos proféticos de Daniel.

**12)-** E desde que a visão profética tratava também do retorno dos hebreus cativos à própria terra e da reedificação de Jerusalém, no decorrer desse período das sessenta e nove semanas, e mais precisamente nas sete semanas de anos iniciais (e por isso Gabriel separa sete semanas, e sessenta e duas semanas) serão em tempos angustiosos, quando *“as praças e as circunvalações se reedificarão”* (v. 25).

Com efeito, no capítulo 4 de Esdras consignam-se as tribulações porque passaram os hebreus nessa obra de restauração. Em carta a Artaxerxes, os ferrenhos adversários dos israelitas injuriavam Jerusalém como *“rebelde e malvada cidade”*. Nem faltaram as perfídias de um tal de Sambalate que, em companhia de Tobias, convocou uma coligação de arábios, amonitas e adsdoditas para *“atacar Jerusalém e suscitar confusão ali”* (Neemias 4.1-2, 7-8).

Naqueles *“tempos angustiosos”* da reconstrução da capital de Judá, a enfrentar os assédios dos adversários coligados, dispôs-se *“o povo, por famílias, nos lugares baixos e abertos, por detrás do muro, com as suas espadas, e as suas lanças, e os seus arcos... Os carregadores, que por si mesmos tomavam as cargas, cada um com uma das mãos fazia a obra e com a outra segurava a arma”* (Neemias 4.13, 17).

**13)-** São, contudo, SETENTA as semanas de anos. Encontramos explicação para as sessenta e nove iniciais. Resta-nos achar elucidação para a última.

O cômputo cronológico desse conjunto setenário de semanas foi interrompido, tanto assim que Gabriel não estabelece o *terminus a quo* e nem o *ad quem* dessa derradeira semana daquele período profético.

Releva observar-se que muitas vezes, e é o caso aqui, os planos histórico e escatológico se superpõem. Os profetas, e de maneira particular Daniel neste caso da derradeira semana do setenário profético, os profetas carecem de perspectiva histórica do tempo, superpondo, em consequência, os planos históricos. Quer dizer, o

profeta vive preocupado com os angustiosos problemas do seu tempo, e sua missão em tempos de angústia e de crise da consciência nacional é a de reavivar a esperança do livramento como resultado das promessas messiânicas.

Os profetas, como Daniel, são homens do seu tempo e da Era Messiânica. Muitas vezes, têm eles revelações especiais sobre o Fato Messiânico, embora se lhes ocultem as circunstâncias do mesmo. Para eles, e para Daniel especificamente neste caso que consideramos agora, o espaço de tempo que vai entre a sua época e a Messiânica não tem importância e, por outra parte, em sua ânsia de reavivar as esperanças do povo, anunciam a Era Messiânica como próxima, apesar de, na realidade, não saberem quando ocorrerá. São estas considerações pertinentes em nosso estudo. Entendendo-as, temos entendido o silêncio de Daniel quanto ao início e ao final da contagem da derradeira semana.

**14)-** Entre a sexagésima nona semana de anos e esta última, Jerusalém será novamente arrasada como se lhe sobreviesse uma inundação; *“até ao fim haverá guerra”* e *“desolações são determinadas”*. O mensageiro angélico é explícito a declarar: *“E o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade”* (v. 26). Antes, no v. 25, já anunciara sua outra destruição.

Em Sua ovacionada entrada em Jerusalém, Jesus Cristo *“chorou e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão ao cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação”* (Lucas 19.41-44; Mateus 24.21).

A tragédia destas previsões de Cristo abateu-se literalmente sobre Jerusalém no ano 70 de nossa era com a invasão inundante do povo dos exércitos de Tito.

Esse *“príncipe que há de vir”* outro não é senão o imperador romano alegorizado também por aquela besta de Apocalipse 13.1-10.

Só depois de decorridas as proféticas SETENTA SEMANAS DE ANOS cessará a transgressão do povo israelita tendo fim os seus pecados.

Jesus Cristo, com a Sua morte, trouxe a *“Justiça Eterna”*, mas, em sendo Ele *“cortado da terra dos viventes”* pelo Seu próprio povo, este, por desconhecer o tempo da sua visitação, rejeitou a *“Justiça Eterna”*.

Tendo, pois, em vista essa posterior destruição de Jerusalém, a pertinácia maldosa do povo hebreu na transgressão e nos pecados, não se cumpriu ainda a SEPTUAGÉSIMA SEMANA DE ANOS.

*“Cortado da terra dos viventes”*, o Messias pelos judeus, de dura cerviz na sua incredulidade, nela subsiste de Jesus Cristo ao Qual maldizem. Essa decisiva rejeição de Cristo introduz uma interrupção na contagem das semanas. Neste longo intervalo, além da destruição de Jerusalém, desenvolve-se a Igreja a enfrentar árduas batalhas com o dragão Satanás descritas em figuras no Apocalipse, o Império Romano

cumpra a primeira parte da sua destinação, o Anticristo na pessoa do “papa” executa a sua obra de enganar e seduzir os povos, enxertando com o seu sêmen maldito as entranhas da sua falsa igreja, “*a mulher prostituta*”, “*a mãe das prostituições*”, para procriar as manifestações idolátricas do culto falso a Deus e as contrafações da Verdade do Evangelho. E, havendo decaído, qual besta ferida pela espada (Apocalipse 13.3, 14), o Império Romano é quase esquecido.

São episódios transcorridos nesta longa fase da interrupção na contagem das SETENTA SEMANAS PROFÉTICAS DE ANOS que Daniel desconhece.

**15)-** O v. 27 de Daniel 9 é grandemente elucidativo quanto à última etapa do setenário de anos. Anota ele o fim do recado angelical: “*Ele [o príncipe que há de vir] fará firme aliança com muitos por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele*”. O Livro do Apocalipse, quanto aos lances decisivos dos derradeiros momentos do fim dos tempos, completa Daniel. Este profeta, em curtas pinceladas, apenas esquematizou a atuação truculenta do quarto animal de suas visões, alegoria do Império Romano, e o surgimento do pequeno chavelho surgido dentre os dez chifres daquele animal feroz, traçando o esboço de sua perniciosa atuação; esse pequeno chavelho figural do Anticristo. O Apocalipse desenvolve esses esquemas de Daniel.

Lá no capítulo 17 e versículo 8 de Apocalipse encontro uma alusão assaz pertinente: “*A besta que viste, era e não é, ESTÁ PARA EMERGIR DO ABISMO... E aqueles que habitam sobre a terra... se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas APARECERÁ*”.

A besta, que também é mencionada em Apocalipse 13.1-10 corresponde ao quarto animal das visões proféticas de Daniel. A besta e o quarto animal são alegorias paralelas deste “príncipe que há de vir” aludido em Daniel 9.26. São três figuras do mesmo personagem: o Império Romano.

Quando ele subir do abismo ou tornar a vir (e isto ocorrerá nos cimos da História), abrir-se-ão a fim de se completarem as setenta semanas de anos, os derradeiros sete anos convencionais daquele período prognosticado por Gabriel.

Restaurada a confederação de povos do Império Romano, cujo chefe, o “*príncipe que há de vir*”, alegorizado pela besta, pelo quarto animal das visões de Daniel, celebrará com muitos judeus impenitentes uma “firme aliança” nessa septuagésima semana. A firmeza da aliança, contudo, só o é por escárnio porquanto durará apenas até a metade da semana. Então, com toda a fúria da sua terribilidade calcará aos pés e com os dentes de ferro triturará o povo e interromperá o culto judaico restaurado.

O “*príncipe que há de vir*” na Grande Tribulação é o ASSOLADOR! Sobre Jerusalém ele se abaterá por lhe favorecer as asas das abominações em Jerusalém introduzidas pelo Anticristo.

É o “*DIA DO SENHOR*”!

Contemplando-o, Amós exorta os judeus: *“Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus”* (4.12). *“DIA DO SENHOR”!* Um *“tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo”* (Daniel 12.1).

Aos israelitas, o povo histórico de Deus, na septuagésima semana, *“tempo de angústia”*, fase da Grande Tribulação, ensejar-se-á oportunidade de se converterem ao Senhor. *“E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas; olharão para Aquele a Quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por Ele como se chora amargamente pelo primogênito”* (Zacarias 12.10).

Ignorando o tempo da sua visitaçã (Lucas 19.44), os israelitas cortaram o Ungido, o Príncipe, da terra dos viventes (Isaías 53.8) e na sua pertinaz incredulidade quiseram que nada Lhe subsistisse (Daniel 9.26); agora, ao final da septuagésima semana, pranteiam-nO.

Pranteiam-nO todos os habitantes de Jerusalém?

Não! Somente uma terça parte! A maioria persistirá na impiedade rebelde de que nada subsista ao Messias, o Cristo, o Ungido, o Príncipe. E os endurecidos dessa maioria, os das duas terças partes, serão exterminados. *“Em toda a terra, diz o Senhor, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela. Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o Meu Nome, e Eu a ouvirei: É Meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus”* (Zacarias 13.8-9).

Enfim, em arremate da derradeira semana do conjunto das setenta semanas de anos, da Grande Tribulação, o assolador, isto é, o *“príncipe que há de vir”*, o quarto animal, a besta apocalíptica, o chefe da confederação de nações restauradora do Império Romano, o assolador será pelo Senhor destruído conforme a *“destruição determinada”*.

.oOo.

## **FUTURAS PROVAÇÕES**

Os capítulos 10, 11 e 12 formam um único bloco. Contêm eles a última visão profética de Daniel já ancião. Podemos, com objetivo didático, repartir este conjunto em três partes:

\* O capítulo 10 a se referir à visão de assuntos celestes;

\* O capítulo 11, com exceção dos vv. 35-39, a anunciar próximos episódios terrestre relacionados com as lutas entre os Selêucidas da Síria e os Lagidas do Egito;

\* O capítulo 12, incluindo-se os vv. 35-39 do capítulo anterior, a revelar lances dos cimos dos Últimos Dias.

Ao angustiado Daniel, na ânsia de ver seu povo liberto, a revelação, ao invés de vaticínios de vitórias e bem-estar, notifica futuras cargas de mais sofrimentos. Estes só hão de terminar no fim do final dos Últimos Tempos.

## CIRCUNSTÂNCIAS DA VISÃO

Deu-se no terceiro ano de Ciro a visão concernente a um “*grande conflito*” (10.1). Precedera-a Daniel com três semanas completas de rigorosa ascese (10.3), tempo este coincidente com o da Páscoa dos Pães Asmos, em cujos dias dever-se-ia comer o “*pão da aflição*”.

“*No dia vinte e quatro do primeiro mês*”, o de Nisã, achava-se o profeta, “*à borda do grande rio Tigre*” (10.4), quando lhe aparece “*um homem vestido de linho, cujos lombos estavam cingidos de ouro puro de Ufaz*” (10.5), nosso Senhor Jesus Cristo. Contemplando-O, esvaíram-se-lhe as forças e desfigurou-se-lhe a feição e, ouvindo as Suas palavras, caiu “*sem sentidos, rosto em terra*” (10.9). Reerguido pelo “*homem de vestido de linho*” e por Ele confortado, é-lhe declarado “*o que está expresso na Escritura da Verdade*” (10.21).

## UMA SÍNTESE

Aquela monumental estatua simbólica dos sonhos proféticos de Nabucodonosor (capítulo 2), sucinto esquema dos Impérios sucessivos, foi-se aclarando em sua significância nas visões proféticas de Daniel.

Na dos quatro animais (capítulo 7) acrescentaram-se dados informativos acerca do segundo e do terceiro Impérios e, sobretudo, da quarta potência. Nas visões subsequentes, ficando de lado esta quarta potência e a cargo do Apocalipse que irá pormenorizar sua atuação, nas visões subsequentes (capítulo 8), juntaram-se outros informes, inclusive seus respectivos nomes, sobre o segundo e o terceiro reinos, ligados ao povo hebreu.

Nestas últimas visões, referindo-se à segunda potência apenas de passagem e como que a introduzir o assunto, alonga-se em esclarecimentos acerca das lutas renhidas entre o Selêucidas da Síria e os Lagidas do Egito, continuadores do terceiro Império, dividido em quatro partes já vaticinadas por aqueles quatro chifres surgidos no lugar do bode peludo, alegoria da potência grega (8.21-23).

Essa revelação de episódios terrestres consignada no capítulo 11, relativos à derradeira fase do Império Grego, sobretudo interessa aos israelitas. Com efeito, após o desterro babilônico, reinstalados em sua pátria, desfruindo do seu Templo reconstruído e de Jerusalém, a Cidade Santa, reedificada, outra vez desolados, presenciaram os hebreus os limites da sua terra serem transformados em palco das intensas e encarniçadas lutas entre sírios e egípcios. São as vicissitudes decorrentes das rebeldias do povo perdulário das bênçãos de Deus e, apesar delas, sempre inclinado a proscastinar contra Seus Preceitos.

Chegava o fim do cativo dos setenta anos previstos por Jeremias. Ao invés de prognósticos de futuro bonançoso, ouve Daniel os mais trágicos presságios.

## VERDADE DECLARADA

Em prosseguimento, o mensageiro celestial, no intuito de fazer um elo entre as revelações anteriores (capítulo 8) e as novas, a memorar os informes acerca do segundo e do terceiro Impérios mundiais, declara sobre eles a verdade (hoje dos anais da História conhecidos por nós como eventos passados), cujo registro o longo capítulo 11 conserva: *“Eis que ainda três reis se levantarão na Pérsia”* (v. 2). Este país é partícipe do reino dual medo-persa figurado pelo *“urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados”* (7.5). E também simbolizado por aquele carneiro de dois chifres das visões às margens do Rio Ulai.

Nestas visões explicitam-se minúcias a respeito deste carneiro alegórico no sentido de realçar a Pérsia sobre a Média, sua parceira de predomínio imperial, pois *“os dois chifres eram altos, mas um [a Pérsia] mais alto que o outro [a Média]; e o mais alto subiu por último”* (8.3).

O dado novo nestas visões *“à borda do grande rio Tigre”* reside na alusão aos futuros três reis. Conquanto omitem-se nesta Escritura os seus nomes, facilmente são identificados na História: Ciro (538-529 a. C.), o libertador dos israelitas; Cambisses (529-521 a. C.), o conquistador do Egito para o Império medo-persa; e Histaspes I (521-485 a. C.), outro monarca com o título de Dario, vencido pelos gregos em Maratão.

*“E o quarto será cumulado de grandes riquezas mais do que todos; e, tornado forte por suas riquezas, empregará tudo contra o reino da Grécia”* (v. 2). Os nomes destas duas potências (Pérsia e Grécia) claramente mencionados como no capítulo 8, correspondem, com exatidão, aos nomes registrados pela História. Neste sentido, aliás, pode-se considerar o Livro de Daniel como um compêndio de História com a diferença de, como PRESCIÊNCIA, anunciar ele *a priori* os eventos históricos, enquanto os outros compêndios, como CIÊNCIA, anotam os mesmos episódios *a posteriori* na condição de já acontecidos.

Confiante Xerxes em sua excessiva riqueza, em 480 a. C., agitou-se até a Europa, tentando invadi-la, em sua ânsia de derrotar a Grécia, não só para vingar seu antecessor Hispastes, mas, sobretudo, para reprimir as manifestações iniciais do agigantamento grego. Suas operações bélicas, embora calcadas em concentrada riqueza, redundaram em fracasso ao ser pelos gregos derrotado nas Termópilas e em Salamina.

*“Depois, se levantará um rei, poderoso, que reinará com grande domínio e fará o que lhe aprouver”* (v. 3). É Alexandre Magno (326-323 a. C.), simbolizado pelo ágil leopardo de quatro asas de ave nas costas que o fazem agilíssimo (7.6) e pelo *“chifre notável”* entre os olhos do bode peludo, que sobremaneira se engrandeceu (8.21), o *“rei poderoso”*, definitivo conquistador do Império medo-persa ao derrotar a Pérsia.

Leopardo de quatro asas, velocíssimo em suas conquistas, fez o que lhe aprouve, instalando a terceira potência mundial. Em capítulo anterior oferecemos outros dados relativos ao Magno Alexandre.

*“Mas, no auge, o seu reinado será quebrado”* (v. 4). Efêmero o seu Império, pois, ainda jovem, aos 32 anos, no zênite de suas vitórias

militares, veio a falecer em consequência de uma febre adquirida nas campanhas de Babilônia. É o chifre quebrado daquele bode peludo do capítulo 8.

*“E repartido para os quatro ventos do céu”* (v. 4). Pela morte prematura, quebrado o imbatível guerreiro, o seu reino repartiu-se aos *“quatro ventos”* ou *“quatro cabeças”* do leopardo alegórico (7.6) ou os *“quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha”* (8.8, 22).

Desmembrou-se o Império em quatro pares ou satrapias, os *“quatro ventos do céu”*, sendo adjudicadas aos quatro generais, os *Diadocos*, tocando a cada um uma parte do reino: Cassandro, ao ocidente, a Macedônia e a Grécia; Lisímaco, ao norte, a Ásia Menor com a Paflagônia e o Ponto; Selêuco, a leste, a Síria e Babilônia; Ptolomeu Soter, da casa dos Lagos, ao sul, o Egito.

*“Mas não para a sua posteridade”* (v. 4), porquanto nenhum destes *Diadocos* era filho de Alexandre. Por sinal, teve este dois filhos. Conforme Deodoro de Siracusa (XIX, 105; XX, 22), o mais novo deles, também Alexandre, legítimo, nascido após a morte do pai, havido de sua esposa Roxana; e Heracles, o mais velho, ilegítimo, nascido de Barsine. Ambos, ainda crianças, pelo general Cassandro foram assassinados treze anos após a morte do pai.

*“Nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será arrancado e passará a outros fora de seus descendentes”* (v. 4). De fato, desmembrado o Império Grego nessas quatro partes, não logrou readquirir o poderio do tempo de Alexandre, mesmo porque as contínuas guerras entre os generais enfraqueciam cada vez mais as satrapias. Posteriormente, as quatro circunscrições imperiais caíram em poder do Império Romano.

## **O FRACASSO DE UM TRATADO**

Após o bosquejo dos lances históricos da Pérsia e da Grécia sob Alexandre, a começar do versículo 5, o capítulo 11 do Livro de Daniel deixa de lado, por não interessar ao povo de Israel, os reinos da Grécia e da Ásia Menor, e passa a ocupar-se somente das ocorrências políticas do Egito e da Síria. Concentra minuciosas revelações sobre os dois reinos, o Selêucida e o Ptolomaico, por terem suas incidências político-militares acentuada transcendência na vida sócio-religiosa do povo hebreu, fixado na encruzilhada geográfica dos dois rivais.

*“O rei do Sul será forte, como também um de seus príncipes; este será mais forte do que ele, e reinará, e será grande o seu domínio”* (v. 5). Tornara-se forte o reino do Sul, o Egito, mas o do Norte, que corresponde à satrapia da Babilônia e da Síria, sob o general Selêuco Nicator, fortalecera-se mais, crescendo desmedidamente os seus domínios desde a Frígia e Capadócia até o Indo, instalando a capital em Antioquia da Síria.

*“Mas, ao cabo de anos, eles se aliarão um com o outro; a filha do rei do Sul casará com o rei do Norte; para estabelecer a concórdia; ela, porém, não conservará a força do seu braço, porque ela será entregue, e*

*bem assim os que a trouxeram, e seu pai, e o que a tomou por sua naqueles tempos”* (v. 6). Serenados os desentendimentos entre a Síria e o Egito, entrou-se em fase das conversações entre os Selêucidas da Síria e os Lagidas ou Ptolomaicos do Egito no sentido de pôr cobro às mútuas hostilidades.

Nesse intento e para cumprir os vaticínios de que *“a filha do rei do Sul [o Egito] casará com o rei do Norte [a Síria], para estabelecer a concórdia”*, Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a. C.) fez sua filha Berenice casar com o seu rival sírio Antíoco II Teos (261-247 a. C.) sob a condição de divorciar-se este Antíoco II de sua esposa Laodice e da conseqüente renúncia da herança ao trono sírio por parte de seus dois filhos para se fazer herdeiro do cetro real a qualquer filho que nascesse de Berenice. Planejava o egípcio Ptolomeu II com este tratado anexar a Síria ao Egito. No reinado deste Ptolomeu II Filadelfo começou-se em Alexandria a versão grega das Escrituras conhecida com o nome de Septuaginta ou dos Setenta.

Morrendo Ptolomeu, o siríaco Antíoco II divorciou-se de Berenice, retomando sua anterior esposa. Por intriga desta mulher, Berenice e seu filho foram envenenados, sendo entregue a coroa da Síria a Calínico. Efetivara-se então o oráculo divino do v. 6.

As profecias do Livro de Daniel se cumprem com tamanha exatidão a comprovarem a inspiração divina das Escrituras Sagradas, que os racionalistas negam sua autoria danielana e, seguindo o velho filósofo neoplatônico Porfírio, dos inícios do século IV, preferem admitir a composição do Livro depois desses episódios. Nesse caso, para os incrédulos e inimigos das Escrituras Sagradas, o Livro conhecido como de Daniel não guarda profecias, mas apenas registra fatos ocorridos.

## **A VINGANÇA**

*“Mas, de um renovo da linhagem dela, um se levantará em seu lugar, e avançará contra o exército do rei do Norte, e entrará em sua fortaleza, e agirá contra eles, e prevalecerá. Também aos seus deuses com a multidão das suas imagens fundidas, com os seus objetos preciosos de prata e de ouro levará como despojo para o Egito; por alguns anos, ele deixará em paz o rei do Norte”* (vv. 7-8).

Um irmão da assassinada Berenice (*“um renovo da linhagem dela... se levantará em seu lugar”*), chamado Ptolomeu III Evergetes (264-221 a. C.), para vingar a afronta da irmã, levantou-se em guerra contra o exército sírio de Selêuco II Calínico (246-226 a. C.), sucessor de Antíoco II Teos. Vitorioso, matou a mulher de Antíoco II Teos, instigadora da morte de Berenice e do filho desta, entrou na fortaleza do rei do Norte, de Selêucia, o porto de Antioquia da Síria, chegando a Babilônia. Retornou ao Egito carregado de despojos, de quatro mil talentos de ouro, quarenta mil de prata e dois mil e quinhentos ídolos e objetos de culto, sobrevivendo alguns anos de paz.

Situada a Palestina entre esses dois reinos, seu território tornou-se caminho de passagem da infantaria e cavalaria egípcias, sofrendo as

vicissitudes inerentes à desagradável circunstância. Com o predomínio do Egito sobre a Síria, a Palestina foi agregada ao jugo egípcio.

## **RÉPLICA FRACASSADA**

Para concretizar o prognóstico do v. 9: *“Este avançará contra o reino do rei do Sul e tornará para a sua terra”*, decorridos uns anos de paz, o rei Selêuco II, do Norte ou Síria, empreendeu, em 240 a. C., uma campanha de desforra contra o Egito no propósito de resgatar os despojos.

A derrota, todavia, frustrou-lhe os planos, pois ao intentar a invasão, Calínico foi repellido e uma violenta tempestade submergiu sua frota.

## **FORÇAS INUNDANTES EM MULTIDÃO**

*“Os seus filhos farão guerra e reunirão numerosas forças; um deles virá apressadamente, arrasará tudo e passará adiante; e, voltando à guerra, a levará até a fortaleza do rei do Sul”* (v. 10).

Com a morte de Selêuco II, assumiu a coroa do reino sírio seu filho Selêuco III (226-223 a. C.), sendo assassinado ao fim do segundo ano do seu reinado, enquanto lutava contra as províncias do Egito na Ásia Menor. Ascende ao trono do Norte Antíoco III, cognominado o Grande (223-187 a. C.), também filho de Selêuco II. Sua primeira investida bélica como revanche ao Egito foi contra a Palestina, posta sob o domínio de Ptolomeu IV Filopater (221-203 a. C.), monarca egípcio. Conquistando a encruzilhada palestina, as suas *“numerosas forças”* vieram apressadamente, arrasaram tudo e passaram adiante, levando seu monarca, Antíoco III, o Grande, a maior parte do país, até a fortaleza de Rafia.

Contudo, Ptolomeu IV, o rei do Sul, *“se exasperará, sairá e pelejará contra ele, contra o rei do Norte”* (v. 11). Antíoco III, o Grande, arregimentará mais numeroso exército e *“porá em campo grande multidão”*. A vitória pendeu para o Egito na batalha da fortaleza de Rafia (217 a. C.), voltando a Palestina ao domínio dos Ptolomeus.

## **A SÍRIA EM CENA**

*“A multidão será levada, e o coração dele se exaltará; ele derribará miríades, porém não prevalecerá”* (v. 12). Acomodara-se, triunfante, o rei egípcio Ptolomeu IV Filopater. Sua pusilanimidade, contudo o fez contentar-se com as vitórias obtidas, não levando seus triunfos a um termo completo e definitivo.

Entrementes, Antíoco, o Grande, obtendo expressivas vitórias na Pérsia e na Ásia Menor, fortalecia-se e mobilizava recursos tendo em mira voltar à carga contra o Egito. *“Porque o rei do Norte [a Síria] tornará, e porá em campo multidão maior do que a primeira, e, ao cabo*

*de tempos, isto é, de anos, virá à pressa com grande exército e abundantes provisões” (v. 13).*

*“Naqueles tempos, se levantarão muitos contra o rei do Sul” (v. 14).* Formidável, Antíoco investiu contra o Egito. Este reino do Sul se agigantava em sérias crises intestinas sob o reinado da menoridade de Ptolomeu V (203-181 a. C.), filho e sucessor de Ptolomeu IV. Esta conturbada situação interna de um país quase acéfalo favoreceu as pretensões do chefe do Norte (Políbio, XV, 25, 34), ao qual aderiram os insurretos egípcianos.

*“Naqueles tempos, se levantarão muitos contra o rei do Sul; também os dados à violência dentre o teu povo se levantarão para cumprirem a profecia, mas cairão” (v. 14).*

Aqueles rebeldes somaram-se os *“violentos”* dentre os israelitas, talvez os do partido de um tal de Tobias Amonita, os quais preferiram favorecer os Selêucidas da Síria, dado o descaso dos egípcios (Flavio Josefo, *Ant.*, 12, 4, 6).

Com esta adesão dos partidos dos *“violentos”* ao Selêucidas, os judeus em nada foram beneficiados. Cumpriram a visão, mas caíram e o povo sofreu as consequências da conduta hostil dos Selêucidas. Prevaleceu Antíoco III, o Grande, contra o Egito, ao mesmo tempo em que se apoderava também da Palestina.

## **UMA LIÇÃO ENTRE PARÊNTESES**

Não se constitui novidade para ninguém, e é das previsões das Escrituras, o ódio mortal voltado pelo marxismo comunista ou socialista ao Evangelho. Porém, quando cristãos aderem aos princípios e às arruaças marxistas e socializantes com aquela ideia dos *“violentos”* do partido do Amonita de que, vitoriosos os Selêucidas, comunistas ou marxistas mascarados de socialistas, terão um lugar ao sol. Rotundo engano dos inocentes úteis! Traindo o Evangelho, lucrarão a postura de capachos aos pés do exacerbado ateísmo vermelho.

## **O GENERAL IRRESISTÍVEL**

*“O rei do Norte virá, levantará baluartes e tomará cidades fortificadas; os braços do Sul não poderão resistir, nem o seu povo escolhido, pois não haverá força para resistir” (v. 15).* Na famosa batalha de Baniás, a Cesaréia de Filipos dos Evangelhos, a *“cidade bem fortificada”*, em 198 a. C., Antíoco, o Grande, vence os exércitos do Egito.

*“O que, pois, vier contra ele fará o que bem quiser, e ninguém poderá resistir a ele; estará na terra gloriosa, e tudo estará em suas mãos” (v. 16).* Em consequência da vitória de Baniás, o rei da Síria instalou-se na Palestina, *“a terra gloriosa”*, dominando-a por completo.

*“Resolverá vir com a força de todo o seu reino, e entrará em acordo com ele, e lhe dará uma jovem em casamento, para destruir o seu reino; porém, não vingará, nem será para a sua vantagem” (v. 17).*

Decidiu Antíoco, o Grande, valer-se de um subterfúgio. Por tática, resolveu não atacar militarmente o Egito, pois, se o fizesse, dispor-se-ia com o poderio romano, cujos embaixadores, indo ao Egito levar a notícia da vitória de Roma sobre Aníbal, o general cartaginês, ao encontrarem com Antíoco em Alexandria, notificaram-no sobre o interesse de Roma no sentido de que o Egito não fosse molestado. Na sua cobiça de firmar domínio completo sobre o Egito, ofereceu sua filha Cleópatra em consórcio ao rei egípcio Ptolomeu V, cujas bodas celebraram-se em Rafia. A célebre Cleópatra é chamada, num superlativo semítico, “a filha de mulheres”, a mulher por excelência. Seus intentos, contudo, se frustraram porque a mulher não subsistiu nos objetivos do pai e nem fora dele, porquanto, ao invés de atender as orientações paternas, ela se inclinou a seguir favoravelmente a política do seu marido.

Impulsionado por seus triunfos militares, embora deixasse de lhe ser favorável o acordo político no sentido de dominar o Egito, volveu seu rosto “*para as terras do mar*” (v. 18) ou as costas do Mar Mediterrâneo. E, em 197 a. C., ocupou a Ásia Menor; em 192 a. C. desembarcou na Grécia, apoderando-se da parte situada ao norte de Corinto.

“*Mas um príncipe fará cessar-lhe o opróbrio e ainda fará recair este opróbrio sobre aquele*” (v. 18).

Em 191 a. C., todavia, venceu-o o exército romano nas Termópilas e, em 190 a. C., definitivamente, em Magnésia, sob o comando de Lúcio Cornélio Scipião, o Asiático. Este militar romano, com a sua vitória quis fazer “*recair este opróbrio sobre aquele*” ou o insulto de Antíoco III, o Grande, assacado contra aqueles embaixadores de Roma por lhe reprovarem o haver ele recebido e abrigado Aníbal, o general cartaginês, quando derrotado pelas forças romanas (Tito Lívio, XXXIII, 40).

Com a derrota, submeteu-se aos termos de paz impostos pelos romanos, que o obrigaram a mandar para Roma vinte reféns, inclusive seu filho.

Depois da derrota de Magnésia, Antíoco foi forçado a abandonar a Ásia Menor, retirando-se das próprias fortalezas da Síria, cumprindo-se desse modo o oráculo do v. 19: “*Então, voltará para as fortalezas da sua própria terra*”. Executou-se, outrossim, a segunda profecia do v. 19: “*Mas tropeçará, e cairá, e não será achado*”, quando foi Antíoco, o Grande, assassinado, em 187 a. C., ao tentar apoderar-se dos tesouros do templo de Bel em Susiana.

## NA “TERRA GLORIOSA”

Enaltece-a Jeremias como a “*terra fértil*”, “*vide excelente*” (2.7, 21) e Ezequiel como “*a glória de todas as terras*” (20.6). É a Palestina decantada por Gabriel como a “*terra gloriosa*” que cai no ano 198 a. C., ao comando de Antíoco III, o Grande, sob o jugo dos Selêucidas da Síria. “*Estará na terra gloriosa, e todo estará em suas mãos*” (v. 16).

“*Levantar-se-á, depois, em lugar dele, um que fará passar um exator pela terra mais gloriosa do seu reino; mas, em poucos dias, será destruído, e isto sem ira nem batalha*” (v. 20).

Selêuco IV Eupater, filho e herdeiro de Antíoco III, em consequência da derrota perante os exércitos romanos para cumprir o armistício de paz celebrado em Apameia, necessitava de muito dinheiro. Inspirado pelo exemplo do seu pai, que se apossara dos tesouros do templo de Bel em Susiana, enviou o seu ministro de finanças, Heliodoro, a Jerusalém fazer o mesmo saqueando o Templo para encher as suas arcas na Palestina, a “glória do reino”, locução correspondente a “terra gloriosa”. Os vaticínios do v. 20 efetivam-se à risca nesses episódios. “Em poucos dias”, “sem ira nem batalha”, foi Selêuco IV “quebrantado” porque dolosamente envenenado por instigação do seu próprio ministro Heliodoro.

## “UM HOMEM VIL”

*“Depois, se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente e tomará o reino, com intrigas. As forças inundantes serão arrasadas de diante dele; serão quebrantadas, como também o príncipe da aliança. Apesar da aliança com ele, usará de engano; subirá e se tornará forte com pouca gente. Virá também caladamente aos lugares mais férteis da província e fará o que nunca fizeram seus pais, nem os pais de seus pais; repartirá entre eles a presa, os despojos e os bens; e maquinará os seus projetos contra as fortalezas, mas por certo tempo. Suscitará a sua força e o seu ânimo contra o rei do Sul, à frente de grande exército; o rei do Sul sairá à batalha com grande e mui poderosos exército, mas não prevalecerá, porque maquinarão projetos contra ele. Os que comerem os seus manjares o destruirão, e o exército dele será arrasado, e muitos cairão traspassados. Também estes dois reis se empenharão em fazer o mal e a uma só mesa falarão mentiras; porém isso não prosperará, porque o fim virá no tempo determinado” (vv. 21-27).*

Volve à cena profética o “chifre pequeno” mencionado no capítulo 8 e que Daniel contemplara em suas visões à margem do Rio Ulai, agora que os transgressores chegaram ao cúmulo de saquear o Templo.

Naquelas visões, Gabriel apresenta ao profeta como “um rei de feroz catadura”, investido de grande poder e que “destruirá os poderosos e o povo santo” (8.23-24). Virá em seus sonhos o esquema da nefasta atuação do “chifre pequeno”: crescerá muito ao sul e ao oriente, dirigir-se-á à “terra formosa” da Palestina, engrandecer-se-á até o exército do céu, lançará por terra desse exército algumas estrelas, pisa-las-á, trará o holocausto contínuo, lançará a Verdade por terra e implantará a transgressão desoladora (8.10-13).

Agora, no capítulo 11, nesta derradeira visão, Gabriel pormenoriza informações.

Levanta-se em lugar de Selêuco IV Eupater “um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real” (v. 21). E, de fato, destituído de majestade real por achar-se como refém em Roma, cumprindo o estipulado entre os chefes romanos e seu pai Antíoco III, o Grande, quando do armistício de Apameia. Após quinze anos em poder dos

romanos como caução daquele tratado de paz, resgatou-o seu irmão Selêuco IV, enviando em substituição dele o seu próprio filho Demétrio.

Esse “*homem vil*” alegorizado no pequeno chavelho é ANTÍOCO IV EPIFANES (175-163 a. C.), o oitavo sucessor da dinastia dos Selêucidas.

Antíoco é o seu nome próprio. IV é o ordinal a distingui-lo dos seus homônimos. Epifanes é o título honorífico, consoante os hábitos semitas antigos. Seu cortesãos e áulicos atribuíram-lhe o título pomposo de Epifanes, que significa “esplêndido, deus manifesto”, como se fora a encarnação da divindade. As Sagradas Escrituras cognominam-no de “*homem vil*”.

A notícia da morte inesperada de seu irmão Selêuco IV colheu-o quando chegava a Antioquia em sua viagem de regresso de Roma. “*Caladamente*”, “*com lisonja*”, logrou o apoio do rei de Pérgamo em prol de suas pretensões ao trono da Síria em detrimento do legítimo herdeiro, Demétrio, refém em Roma em lugar dele.

Externou-se a sua vileza logo quando assumiu “*com lisonja*” o cetro, ao invadir Judá, quebrantou “*o príncipe do pacto*” destituindo, em 175 a. C. o conceituadíssimo sumo sacerdote Onias III, assim cognominado por ser o chefe religioso da comunidade teocrática israelita. E, em sua substituição, “*o homem vil*” entronizou o judeu apóstata Josué, irmão do próprio sumo sacerdote exonerado e que ajudara Antíoco a depô-lo.

Helenizado, conforme os desejos do monarca vil, o apóstata Josué, em sendo elevado ao sumo sacerdócio, rejeitou também o seu nome hebreu Josué e adotou o grego Jasom. O sumo sacerdote deposto refugiou-se em Dafne, nas circunvizinhanças de Antioquia da Síria, onde, em 171 a. C., foi assassinado.

A se firmar no trono, varreu de diante dele “*as força inundantes*” (v. 22), os exércitos chefiados por Heliodoro, seu opositor.

À frente de um grande exército, resistiu com a sua força e a sua coragem contra o rei do Sul, Ptolomeu VI Filometor (v. 25). Este Ptolomeu VI deixou-se quebrantar pelos que comiam de seus manjares (v. 26), ou seja, deixou-se induzir por seus comensais íntimos, os seus tutores Euleo e Líneo, que o instigaram a marchar “*à batalha com grande e mui poderoso exército*” (v. 25) contra o rei da Síria, Antíoco IV. Ruíram os projetos contra ele maquinados pelos íntimos conselheiros de Ptolomeu VI, varrendo-lhe Antíoco IV os exércitos na batalha de Pelúsio, em 169 a. C., como “*por uma inundação*” de derrotas com o saldo de muitos mortos (v. 26).

O derrotado Ptolomeu VI Filometor decidiu aproximar-se de Antíoco IV Epifanes e ambos mantiveram uma paz aparente “*e assentados à mesma mesa*” falavam “*a mentira*”, tendo ambos os dois reis o coração atento “*para fazer o mal*” (v. 27).

## **O TEMPLO SAQUEADO**

*“Então, o homem vil tornará para a sua terra com grande riqueza, e o seu coração será contra a santa aliança; ele fará o que lhe aprouver e tornará para a sua terra” (v. 28).*

Em seus planos relativos à “terra gloriosa” havia o projeto de helenização do povo israelita. Espoliava “os lugares mais férteis da província” (v. 24) a fim de multiplicar suas prodigalidades no intuito de granjear prestígio entre os amigos (Tito Lívio 4.120; Políbio 26,10). Embaixadores de Antíoco Epifanes levaram em nome dele aos romanos uma coroa de cinquenta talentos e na Grécia repartiram entre seus habitantes incontáveis presentes (Políbio 28,18).

Em suas confabulações com Ptolomeu VI propôs-lhe a conquista do Egito, o que lhe garantiria estabilidade no trono. Aliados no plano, o sírio Antíoco Epifanes e o egípcio Ptolomeu VI avançaram sobre Mênfis. Entrementes, uma facção nacionalista proclamou em Alexandria Ptolomeu VII Fiscão, o próprio irmão de Ptolomeu VI, rei do Egito. Antíoco tentou conquistar a cidade rebelde. Convencido, porém, de sua inexpugnabilidade, desistiu e retornou à Síria carregado “com grande riqueza” (v. 28). Nessa sua viagem de volta, ao atravessar a Palestina, com o seu coração contrário à santa aliança, saqueou o Templo de Jerusalém, deixando ainda na cidade uma guarnição Síria.

## **NOS EXTREMOS DA VILEZA**

*“No tempo determinado, tornará a avançar contra o Sul; mas não será nessa última vez como foi na primeira, porque virão contra ele navios de Quitim, que lhe causarão tristeza; voltará, e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; e, tendo voltado, atenderá aos que tiverem desamparado a santa aliança. Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora. Aos violadores da aliança, ele, com lisonjas, perverterá, mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo. Os sábios entre o povo ensinarão a muitos; todavia, cairão pela espada e pelo fogo, pelo cativo e pelo roubo, por algum tempo” (vv. 29-33).*

Contra as suposições de Antíoco Epifanes e os interesses políticos do Egito, Ptolomeu VI Filopater se aliou com Ptolomeu VII Fiscão. Encolerizado, empreendeu Epifanes nova investida contra o reino do Sul, porém sua expedição sofreu total revés (v. 29), pois, ao chegar a Alexandria, Popílio Laenas entregou-lhe um ultimato do senado romano que lhe exigia a imediata evacuação do Egito (v. 30). Indignado pela derrota, volta-se “contra a santa aliança”, desafogando sua cólera sobre a Palestina em cruel perseguição aos judeus, que, em multidões, foram esmagados pelas forças sírias comandadas por Apolônio.

Decretou a idolatria grega como religião oficial da Palestina, pois planejava a todo custo helenizar esse povo a fim de assimilá-lo ao seu reino no interesse de, com isso, criar uma força política mais coesa e mais vigorosa. Nesse intento, fundou um ginásio de estilo grego e, tendo o apoio de judeus apóstatas, atingiu o cúmulo da vileza com a profanação monstruosa do Templo e da fortaleza ou colina fortificada

sobre a qual se erguia o Santuário. Fez cessar “o holocausto contínuo” e sobre o altar dos holocaustos instalou a “abominação desoladora” (v. 31), ou seja, o ídolo de Júpiter Olímpico (8.3; 9.27), mandando antes, como escárnio, sacrificar um porco, animal imundo, em cima do altar de bronze.

O seu empreendimento helenizante, baseado em lisonjas aos apóstatas da religião judaica, “as estrelas caídas” (8.10), obteve relativo êxito, mas foi vencido em consequência da reação por parte do “povo que conhece ao seu Deus”, forte e capaz de proezas (v. 32).

Digno de menção é o heroísmo do ancião Eleazar, doutor da Lei, enérgico em sua resistência, “preferindo morrer com honra a viver na infâmia”. E daquela mãe de sete filhos a dar a maior lição de fortaleza conhecida da História Universal, fatos heróicos que o Segundo Livro de Macabeus anota.

No delírio de sua exaltação, Antíoco IV Epifanes apresentava-se como Júpiter Olímpico, o PAPPAS. Mandou cunhar moedas representando-se a si próprio com os emblemas dessa divindade e outras nas quais a sua imagem é a de Júpiter com a inscrição: “Antíoco, deus manifesto, vitorioso”.

## O SEU FIM

*“No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá com ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará. Entrará também na terra gloriosa, e muitos sucumbirão, mas do seu poder escaparão estes: Edom, e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom. Estenderá a mão também contra as terras, e a terra do Egito não escapará. Apoderar-se-á dos tesouros de ouro e de prata e de todas as coisas preciosas do Egito; os líbios e os etíopes o seguirão. Mas, pelos rumores do Oriente e do Norte, será perturbado e sairá com grande furor, para destruir e exterminar a muitos. Armará as suas redes palacianas entre os mares contra o glorioso monte santo; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra” (vv. 40-45).*

A visão profética de Daniel é completa! Vaticina, ao concluir o capítulo 11, também o trágico fim do “homem vil” a dar-se “no fim do tempo”. Suas últimas vitórias avassaladoras montam-lhe o cenário da fragorosa e irreversível derrota definitiva. Devasta o Egito. Pisa e esmaga outra vez a Palestina, embora lhe escapem à fúria os de Edom, os de Moabe e as primícias dos filhos de Amom. Os vv. 40-43 guardam os últimos triunfos do “homem vil” Antíoco IV Epifanes. Os dois versículos seguintes, porém, anotam a sua derrota.

Como os anteriores, de igual maneira, todos estes vaticínios se cumpriram nos episódios anotados nas páginas da História.

O rei do Egito, Ptolomeu VI Filometor decide mobilizar-se contra Antíoco. O monarca sírio arregimenta todos os seus dispositivos bélicos e, como turbilhão, avança contra as forças do reino do Sul, o Egito. À semelhança de nuvens de gafanhotos cruza a Palestina e, por razões estratégicas, deixa à margem de sua fúria os territórios da

Transjordânia de Edom, Moabe e Amom. Atinge o Egito e a Líbia coroado de vitórias, apoderando-se de ricos despojos em ouro, prata e em todas as coisas preciosas.

Carregado de tesouros espoliados, ao voltar do Egito, monta entre o Mediterrâneo e colina de Sião as suas tendas de campanha. Neste lugar morreu-lhe o ímpeto conquistador. Chegaram-lhe aos ouvidos os rumores do oriente e do norte acerca da sublevação dos armênios e partos.

Dirigiu-se ao oriente e em Susiana tentou, a exemplo de seu pai Antíoco III, o Grande, saquear o templo de Bel. Embargou-lhe o intento o povo amotinado. Informado da derrota dos seus exércitos na Palestina pelo heroísmo de Judas Macabeu e seus comandados, planejou retornar à terra israelita e arrasá-la. Seus planos ficaram apenas em delírio, porquanto, acometido de súbita e grave moléstia, em 163 a. C., faleceu em Tabae, nas proximidades de Susa da Pérsia.

.oOo.

## AS PALAVRAS SELADAS

Ao profeta, despedindo-o, ordenara Gabriel, o anjo da revelação, cerrar as palavras e selar o livro dessas profecias (12.4): *“Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro”* (v. 9).

Seria desmedida petulância de nossa parte pretender abri-las e considerá-las?

Assim não o pensamos, tendo em vista a ressalva pelo próprio mensageiro feita: *“Até ao tempo do fim”* (v. 4).

Chegados somos a ele, porquanto *“próximo está o tempo”* e, por isso, em contrapartida, um outro anjo determinou a João: *“Não seles as palavras da profecia deste livro”*, o Livro do Apocalipse (22.10). Lembremo-nos de que Apocalipse completa Daniel.

Na expectativa do profeta, longínquo estava o tempo. Na perspectiva de João (e que é também a nossa circunstância), os episódios profetizados, tipos do acontecimento final, já ocorreram e se constituem eles na chave para se abrir o Livro de Daniel.

Com a visão abatera-se profundamente o profeta (10.8-10). A nossa situação é oposta à dele porque, ao abrirmos o Livro das Profecias, somos galardoados: *“Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo”* (Apocalipse 1.3).

Os três últimos capítulos de Daniel com o registro da última visão do profeta formam um só bloco. O capítulo 11, por extenso já analisado em nossas páginas anteriores, minucia, com as lutas entre os Selêucidas da Síria e os Lagidas ou Ptolomeus do Egito, a última fase do Império Grego figurado pelo ventre e pelas ilhargas de bronze da estátua dos sonhos de Nabucodonosor, pelo leopardo de quatro asas das visões danielanas ocorridas no primeiro ano de Belsazar e pelo bode cujo

único chifre fora quebrado e em lugar dele saíram quatro outros da visão junto ao Rio Ulai.

Os fatos atingem diretamente o povo histórico de Deus, os hebreus, e, por isso, no capítulo 11, os prognósticos se pormenorizam.

O capítulo 12, epílogo da última visão e também de todo o livro, trata da vitória final e decisiva desse povo sempre duramente disciplinado porque tão rebelde. Encerra ele a culminância da visão à beira do mesmo rio de 10.4.

O capítulo 12 é o capítulo síntese. Como as sínteses perfeitas, exprime-se numa composição harmoniosa de lineamentos a traduzir uma ideia completa, uma ideia a conter um mundo de ideias.

## **A GRANDE TRIBULAÇÃO**

Sucedará na oportunidade do desfecho definitivo desta História da Humanidade a preceder os cimos dos últimos eventos escatológicos.

*“E haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo”* (v. 1).

“AQUELE TEMPO” é o tempo do extremo limite do fim vaticinado pelo profeta Joel como *“o dia do Senhor”, “dia de escuridão trevas e de densas trevas, dia de nuvens e negridão”* (Joel 2.1-2). Período preanunciado por Jesus como de *“grande tribulação, com desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem jamais haverá”* (Mateus 24.21).

Aquela aflição do povo fiel ao tempo de Antíoco IV Epifanes, *“o homem vil”*, se constitui em tipo de horrores dessa última tribulação. Tipifica-o, outrossim, a destruição de Jerusalém em 70 d. C., predita por Jesus em Seu discurso escatológico por Mateus 24 e 25 consignado.

## **O REMANESCENTE**

A ele aludem os profetas. Compõem-se daquele reduzido pugilo dos fiéis. São os sete mil varões cujos joelhos não se vergam perante Baal (1º Reis 19.18; Romanos 11.4). Ao tempo de Antíoco IV Epifanes, distinguiu-se o remanescente com gestos de inexcedível heroísmo pela sua resistência à helenização imposta, enquanto os *“violadores da aliança”* se permitiam, pervertidos pelas lisonjas do *“homem vil”* (11.32).

Na verdade, todo o povo histórico de Deus se reduz ao remanescente, a *“todo aquele que for achado inscrito no livro”* (12.1).

Uma leitura apressada e dinâmica (?) das Escrituras pode nos levar a falsas conclusões a respeito da salvação de Israel. Lendo-se, por exemplo, em Romanos 11.26: *“E, assim, todo o Israel será salvo”*, poder-se-á realçar o vocábulo TODO no sentido abrangente de todos os hebreus. Ou seja, pelo fato de ser israelita, forçosamente, estará o indivíduo salvo.

O próprio Paulo Apóstolo, contudo, se encarrega de nos livrar desse errado entendimento, quando, mencionando Israel, elucida: *“Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o*

*remanescente é que será salvo*”, aquele *“remanescente segundo a eleição da graça”* (Romanos 11.5). Dele é que se diz: *“Deus não rejeitou o Seu povo, a quem de antemão conheceu”* (Romanos 11.2). Além de preditos pelos profetas e tipificados em muitos eventos vaticinados também pelos profetas, como Daniel, os episódios derradeiros da Grande Tribulação são precedidos de muitos “sinais” ou acontecimentos importantes que a precederão e anunciarão sua proximidade.

Com exceção de um, o da apostasia generalizada, destinado especialmente à Igreja, todos esses “sinais” são para os judeus.

O próprio mensageiro celestial a Daniel se refere a dois deles: *“Muitos correrão de uma parte a outra, e a ciência se multiplicará”* (Daniel 12.4 – Corrigida).

É a benevolência de Deus a envolver o Seu histórico povo quanto à eleição, amado por causa dos pais (Romanos 11.28). Pelo fato de não tê-lo rejeitado (Romanos 11.1-2), prodigaliza-lhe tantos “sinais” dos próximos eventos escatológicos, destacando-se o da sua volta e permanência miraculosas a partir de maio de 1948 em seu próprio território, o atual Estado de Israel.

Tantos privilégios, contudo, implicam séria responsabilidade. A responsabilidade de a eles corresponder. E só um remanescente a eles corresponderá.

Tantos privilégios, os privilégios das claras profecias, os privilégios de tantos eventos vaticinados e acontecidos, os privilégios de tantos “sinais”, constituem-se, outrossim, em anúncios de terríveis juízos pelo fato de o povo hebreu, como povo histórico de Deus, sempre de dura cerviz, haver-se revelado sempre numa constância impressionante contra Deus, ao máximo extremo de tropeçar na pedra de tropeço, nosso Senhor Jesus Cristo (Romanos 9.32-33).

A Grande Tribulação, predita por Deus, visa castigar esse povo. Para ele, de modo específico, será *“o dia do Senhor”*, dia de grande pranto (Zacarias 12.11).

Nesse dia, *“em toda a terra [de Israel], diz o Senhor, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela”* (Zacarias 13.8). A terceira parte é o remanescente segundo a *“eleição da Graça”*, mencionado por Paulo Apóstolo em Romanos 11.5. Sobre esses habitantes de Jerusalém, o Senhor derramará *“o espírito da graça e de súplicas; olharão para Aquele [Jesus Cristo] a Quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por Ele como se chora pelo primogênito”* (Zacarias 12.10).

Pertencente ao povo histórico de Deus, esse remanescente, a terceira parte, a da eleição da graça, e embora seja como se Deus não a houvesse rejeitado (Zacarias 10.6), será ainda terrivelmente provada: *“Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro”* (Zacarias 13.9).

Tendo passado pela genuína conversão a Jesus Cristo, apesar e por causa mesmo das indizíveis provas, o pugilo dos remanescentes permanecerá fiel em invocar o Senhor e Deus proclamará o Seu povo, o Seu verdadeiro povo histórico eleito: *“Ela [a terceira parte] invocará o*

*Meu Nome, e Eu a ouvirei; direi: É Meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus” (Zacarias 13.9).*

Os remanescentes, os dessa terceira parte, são os SÁBIOS que serão purificados e acrisolados (Daniel 12.10) e, por isso, “resplandecerão como o fulgor do firmamento” (Daniel 12.3).

## **A RESSURREIÇÃO**

Profetas anteriores, como Isaías, já falaram sobre ela. “Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão” (Isaías 26.19).

Conquanto Daniel, nesta visão, limita-a aos judeus fiéis e aos seus algozes, não exclui, é evidente, a sua extensão ao âmbito universal.

É a ressurreição individual para cada um participar da gloriosa Era Messiânica, a Vida Eterna (Daniel 12.3).

## **A CRONOLOGIA DO FIM**

É expressada de três maneiras:

**1)-** “*Um tempo, dois tempos e metade de um tempo*” (Daniel 12.7). Tempo ou tempos são anos, conforme Daniel 11.13. Por sete tempos ou anos permaneceu louco o rei Nabucodonosor (4.16, 23, 32). Neste caso da Tribulação, portanto, são três anos e meio convencionais ou simbólicos de um curto período.

“*Um tempo, dois tempos e metade de um tempo*” refere-se àquela “*metade da semana*” de Daniel 9.27, quando “*sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele*” (Daniel 9.27). É o “*tempo de angústia, qual nunca houve*” (Daniel 12.1), em cujo término ocorrerá o livramento do povo santo com a destruição do assolador.

Ora, é nesse período que se cumpre a última das Setenta Semanas proféticas de anos. Disputam por isso os exegetas se o prazo da Grande Tribulação é de três anos e meio ou de sete anos. Tendo em vista serem convencionais esses números relacionados com períodos de tempo, considero irrelevante essa diferença de pontos-de-vista. Entendo ser este prazo relativamente curto.

**2)-** “*Mil duzentos e noventa dias*” (Daniel 12.11). Se “tempo” corresponde a ano, o dia profético também corresponde a ano.

Com efeito, os quatrocentos e noventa resultados das Setenta Semanas, são anos e não dias, conforme já vimos. O profeta Ezequiel é claro: “*Um dia te dei para cada ano*” (Ezequiel 4.6 – Corrigida).

São, por conseguinte, mil duzentos e noventa anos. E não tem esse período nada a ver com a duração da Grande Tribulação.

No capítulo 12 de Daniel há a cronologia de duas etapas distintas: a do “*tempo de angústia, qual nunca houve*” (v. 1) e o cumprimento daquelas “*maravilhas*”, ou seja, o prazo da Grande Tribulação, que será

de “*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*” (v. 7), já consideradas acima.

A visão profética ratifica esta nossa conclusão, ao afirmar: “E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão” (v. 7). “*Destruição*” no “*tempo de angústia, qual nunca houve*”. “*Estas coisas*” (a ressurreição e o enaltecimento dos “*sábios*”) são as “*maravilhas*”.

À insistência de Daniel, a visão ordena que se vá “*porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim*” (v. 9).

No v. 11, a visão alude a outra etapa que se inicia com a retirada do holocausto contínuo e o estabelecimento da “*abominação desoladora*”, preanunciada e tipificada pela abominação instalada por Antíoco IV Epifanes.

A “*abominação desoladora*” principiou com a tomada de Jerusalém em 70 d. C., quando os judeus foram levados cativos para todas as nações e Jerusalém passou a ser pisada pelos gentios (Lucas 21.24).

Esta etapa ou período é de mil duzentos e noventa DIAS, ou seja, mil duzentos e noventa ANOS, na vigência da Dispensação da Igreja, “*até que haja entrado a plenitude dos gentios*” (Romanos 11.25).

**3)-** “*Mil trezentos e trinta e cinco dias*” (Daniel 12.12). São quarenta e cinco dias a mais da cifra anterior.

Apocalipse fala em “*mil e duzentos e sessenta dias*” (11.3; 12.6) e em “*quarenta e dois meses*” (13.5), cujos dias somam também os mil e duzentos e sessenta.

Se, em profecia, se toma “*cada dia por um ano*” (Ezequiel 4.6), são mil e duzentos e sessenta anos.

“MIL DUZENTOS E NOVENTA DIAS”, “MIL TREZENTOS E TRINTA E CINCO DIAS”, “MIL DUZENTOS E SESSENTA DIAS” ou as “QUARENTA E DUAS SEMANAS” de Apocalipse, aludem todos ao período da Dispensação da Igreja.

Releva insistir! São cifras CONVENCIONAIS para exprimirem um dilatado tempo. Muito mais amplo do que os SETENTA ANOS de Jeremias e as SESSENTA E NOVE SEMANAS de Daniel. E não vem ao caso especular sobre a contagem aritmética desses números!

A discrepância daqueles algarismos decorre exatamente do Propósito de Deus de nos colocar em vigilância sem, contudo, a preocupação de datas.

Quando da Sua ascensão, os discípulos perguntaram a Jesus Cristo sobre o tempo da restauração do reino a Israel, respondeu-lhes: “*Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para Sua exclusiva autoridade*” (Atos 1.7).

## **A RECOMPENSA DE DANIEL**

Em sua longa existência, e sofredora existência, de servo fiel do Senhor, presenciara as visões. Por elas se angustiara e, cumprida sua

missão, recebe do mensageiro celeste a determinação de encerrar sua carreira: “*Vai, Daniel*” (v. 13).

E haveria de ir para descansar enquanto seu povo sofreria todos os episódios vaticinados em suas visões.

Essa ausência não será definitiva. Será somente até que chegue “o fim” (v. 13). “*Ao fim dos dias*” Daniel ressuscitará. A expressão “e estarás” (na Corrigida) ou “*te levantarás*” (na Atualizada) no hebraico é *vê-ta-amo* onde quer dizer também “e ressurgirás”.

É, pois, a promessa de ressurreição de Daniel: “*E te levantarás para receber a tua herança*”, o teu prêmio, os teus galardões.

.oOo.

## O PEQUENO CHIFRE

As sucessivas visões de Daniel acrescentam progressivamente informações sobre os sofrimentos do povo hebreu subjugado aos grandes Impérios.

Acerca do reino babilônico, sob o qual se encontrava ao início do seu ministério profético, pouco fala. Às suas visões dos quatro animais acrescenta alguns dados ao sonho da estátua colossal de Nabucodonosor sobre essa potência quanto à sua figuração do Império medo-persa. Do capítulo 8 em diante alonga-se a minuciar as vicissitudes do seu povo sob as pressões da Síria e do Egito, sobretudo ao tempo dos Selêucidas, destacando ainda o “*homem vil*” Antíoco IV Epifanes por ser ele de extrema crueldade.

No capítulo 7 há o sonho, com a devida interpretação, dos quatro animais preditivos. O primeiro como leão, paralelo com a cabeça de ouro da estátua figural de Nabucodonosor, símbolo do Império Babilônico. O segundo semelhante ao urso, correspondente ao peito e braços de prata dessa estátua, alegoria do dual Reino medo-persa. O terceiro na forma de leopardo, repetindo o símbolo do ventre e das ilhargas de bronze da estátua do rei babilônico, correspondente ao Império Grego, posteriormente repartido em quatro, dos quais sobre dois se estende Daniel. O quarto animal, que não se assemelha a nenhuma fera, paraleliza-se às pernas de ferro e aos pés de dez dedos em parte de ferro e em parte de barro da imagem dos sonhos de Nabucodonosor.

## O QUARTO ANIMAL PROFÉTICO

Se, no capítulo 7, passa rapidamente suas considerações sobre os três animais anteriores, detém-se a examinar o último pelo fato de ser assaz se sensibilizar com ele.

Diferente de todos os animais anteriores, este é “*terrível, espantoso e sobremodo forte; o qual tinha grandes dentes de ferro; ele devorava, e*

*fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobejava;... e tinha dez chifres”* (v. 7).

Distinguia-se dos demais pela ferocidade e por essa anomalia genética dos dez chifres.

Desses dez chifres, *“subiu outro pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência”* (v. 8).

Daniel interessou por *“conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros... e também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros”* (vv. 19-20).

Esse *“quarto animal será um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços. Os dez chifres correspondem a dez reis que se levantarão daquele mesmo reino; e, depois deles, se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis. Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei...”* (vv. 23-25).

## **SUA IDENTIFICAÇÃO**

A quarta fera alegórica é o Império Romano. Com efeito, o primeiro animal, correspondente à cabeça da estátua de Nabucodonosor, figura o reino da Babilônia (2.38). O segundo, paralelo ao peito e braços de prata dessa estatua, identifica-se com o Reino medo-persa, sucessor imediato da Babilônia (5.28-31; Jeremias 51.11, 28). A terceira fera em seu simbolismo semelhante ao ventre e quadris de bronze da estátua nabucodonozoareana, representa a potência grega (8.21).

Se Daniel menciona nas passagens indicadas, claramente, os nomes desses Impérios alegorizados em seus sonhos que, ininterruptamente, se sucedem, contudo, silencia o nome do quarto Império, apesar de, no capítulo 7, se deter em considerá-lo por se impressionar mais com ele.

Esta potência figurada na quarta fera, todavia, só pode ser o Império Romano porque é o imediato sucessor do grego, aliás, por ele absorvido.

Conquanto omita o seu nome, Daniel nos favorece uma preciosa indicação para identificá-lo ao informar o surgimento em seus dias de *“um reino que não será jamais destruído”*, simbolizado na PEDRA (Daniel 2.44-45).

Ora, consoante Lucas 1.32-33, esse Reino é o de nosso Senhor Jesus Cristo, nascido, também segundo Lucas (2.1) ao tempo do Império Romano quando César Augusto detinha seu cetro.

Se Apocalipse completa Daniel, no derradeiro livro do Novo Testamento, vamos achar um outro expressivo elemento identificador. A posição geográfica da sede mundial potência, Roma, é bem definida

pelas “SETE CABEÇAS” (Apocalipse 13.1) que são “SETE MONTES” (Apocalipse 17.9).

“Se hoje por haver muito se expandido, Roma conta com doze colinas, naqueles tempos dos eu predomínio mundial, erguia-se sobre sete. É a *Urbs Septicollis*, de Horácio. Plínio, o Velho, reconhece-a *Complexa septem montes*” (*Hist. Nat.*, 3, 9).

Os sete montes, pelos quais se lhe atribuíram o cognome de a cidade das sete colinas (*Urbs Septemontium*) são: o Avetino, o Palatino, o Célio, o Esquilino, o Vidimal, o Quirinal e o Capitólio.

A composição dupla do seu Império dividido em Oriente e Ocidente corresponde às duas pernas e aos pés da estátua do monarca babilônico e à sua dúplice composição em ferro e barro (Daniel 2.41).

Com efeito, no “REINO DIVIDIDO” (Daniel 2.41), dividido geográfica e politicamente em oriental e ocidental, também foi dividido em seu sentimento porque nunca o ocidente e o oriente se sintonizaram de modo completo.

Em grande parte da supremacia do Império Romano, o oriente simbolizado pelo ferro, prevaleceu sobre o ocidente, assemelhado ao barro. “*Como os artelhos dos pés era, em parte, de ferro e, em parte, de barro, assim, por uma parte, o reino será forte e, por outra, será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro*” (Daniel 2.42-43).

Os “DEZ CHIFRES” (Daniel 7.7; Apocalipse 13.1), que correspondem aos dez dedos da monumental estatua de Nabucodonosor, lembra o “Reino dividido” de Roma, que se formara de pedaços de outros reinos, são também os DEZ REIS surgidos desse Império após a sua decadência (Daniel 7.24). São os povos bárbaros que, depois de subjugados por Roma, venceram-na.

O número DEZ não quer definir aritmeticamente o número dessas nações porque na Escrituras ele denota quantidade razoável de poderes. Mencionamos, porém, alguns dos povos bárbaros: vândalos, suevos, anglo-saxões, visigodos, alanos, borgúndios, hérulos, ostrogodos e lombardos, os quais de 351 a 476 de nossa era, procedentes do norte da Europa, esfacelaram o Império e dele se originaram nações independentes entre si também distinguidas em fortes umas, como a Alemanha, a França e a Itália, e fracas outras, como a Bélgica, a Holanda e a Suíça” (citação de meu livro A BESTA DO APOCALIPSE).

## **A FERA EM APOCALIPSE**

Repitamos! Apocalipse completa o Livro de Daniel. Correlacionam-se ambos. Impossível, por conseguinte, compreender Daniel sem estudar Apocalipse. Impossível ainda entender Apocalipse se o estudarmos desligado do Livro de Daniel.

Com efeito, se Daniel, através de suas visões, apresenta específica e exclusivamente os sofrimentos do povo histórico de Deus, os hebreus, Apocalipse desenvolve de modo amplo as vicissitudes da Igreja, o Israel espiritual de Deus.

É por isso que, se Daniel se alonga nas visões sobre os padecimentos do seu povo e se limita ao mínimo acerca da figuração do quarto animal, Apocalipse, por se estender em considerações a respeito das lutas da Igreja, desenvolve as reflexões sobre essa fera.

Encontramo-la na sua atroz exuberância em Apocalipse 13.1-10. Híbrida, assemelha-se ao leopardo (o terceiro animal de Daniel), com os pés semelhantes aos de urso (o segundo animal de Daniel) e a boca de leão (o primeiro animal de Daniel). Besta híbrida a simbolizar a potência mundial de Roma que, numa fantástica amálgama, trazia os resíduos dos Impérios anteriores, aos quais, apesar de lhe haver sido tirado o domínio, foi “*dada prolongação de vida*” (Daniel 7.12).

É o Império Romano, em suas conquistas, ágil como o leopardo, férreo como os pés de urso e triturador como a boca do leão. Simbolizado pelas feras mais cruéis da fauna, o Império Romano recebeu do dragão Satanás o poder, o trono e a autoridade, ao contrário do reino babilônico, que os recebera de Deus (Daniel 2.37-38).

Sem qualquer possibilidade de engano, esta besta de Apocalipse 13.1-10 corresponde ao quarto animal das visões de Daniel 7, máxime pela singularidade dos dez chifres representativos de dez reinos (Daniel 7.7, 20, 24; Apocalipse 13.1; 17.3, 7, 12).

DEZ é um número simbólico nas Escrituras a denotar quantidade expressiva e saliente. A potência romana fora formada de notável quantidade de povos por ela subjogados e, posteriormente, por eles vencida. Em meu livro A BESTA DO APOCALIPSP pormenorizo um estudo sobre esse assunto e sua leitura assaz se recomenda.

## **O CHAVELHO DISTINGUIDO**

Dentre os dez chifres saíra ele. Pequeno, diante dele foram arrancados três dos primeiros dez chifres. Salientam-se seus olhos semelhantes aos dos homens e sua boca que proferia grandes palavras contra o Altíssimo. Tornara-se mais robusto do que os seus companheiros. “*Magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos*” (7.25).

O profeta Daniel menciona em 8.9 um outro chifre pequeno distinto deste de 7.8. A distinção se evidencia e patenteia pela sua origem e pelo seu significado.

O de 8.9 se instala no bode do chifre quebrado, em cujo lugar se erigiram outros quatro, bode esse alegoria da Grécia, o qual corresponde ao terceiro animal do capítulo 7.

O de 7.8 procede dentre os dez chifres do quarto animal, alegoria do Império Romano.

O de 8.9 figura Antíoco IV Epifanes, o “*homem vil*” e o de 7.8 corresponde à besta de Apocalipse 13.11-18, que nada tem a ver com a figuração do pequeno chifre de Daniel 8.9.

## **IDENTIFICAÇÃO DO PEQUENO CHIFRE**

Sem qualquer receio de engano, mas com toda a convicção de quem seriamente e em oração pesquisa a Palavra de Deus, afirmo: Esse pequeno chavelho de Daniel 7.8 correspondente da segunda besta de Apocalipse 13 é a alegoria do ANTICRISTO, o “papa”.

Já dissemos! Apocalipse completa o Livro de Daniel por desenvolver esclarecimentos no tocante ao pequeno chifre.

Se Daniel prognostica exclusivamente os sofrimentos do seu povo, Apocalipse vaticina sobretudo as lutas da Igreja, o Israel espiritual, e sua vitória definitiva e final.

O pequeno chavelho de Daniel 7.8 é a mesma besta de Apocalipse 13.11-18. O das visões proféticas de Daniel subira dos dez chifres do quarto animal, alegoria do Império Romano. A besta de Apocalipse 13.11-18, paralela desse chifre, ascendeu da terra firme, ou seja, do Império Romano.

Com efeito, o “papado” procede da imensa potência. Pequeno de início, qual chavelho de Daniel 7.8, *“diferente dos demais chifres”*, suplantou-os e *“parecia mais robusto do que os seus companheiros”*.

Se os de chifres representam reinos instalados na quarta fera, símbolo do Império Romano, dentre esses reinos, contudo, sobrevém um outro chifre que a História identifica com o poder do “papado”.

Nesta identificação ocorre, outrossim, um fato a comprovar sua exatidão perfeita: *“diante do qual [do pequeno chavelho] três dos primeiros chifres foram arrancados”* (Daniel 7.8).

Com efeito, em prol da ascensão do “papado” foram extirpadas três das nações representadas pelas dez pontas. Estas três nações, alojadas por sinal na Península Itálica, são a dos hérulos, a dos ostrogodos e a dos lombardos.

O primeiro destes três povos, o dos hérulos, então sob o comando de Odoacro, em 476, depondo o imperador Rômulo Augústulo, assenhoreou-se da Itália e foi, em 487, destruído por Teodorico, rei dos ostrogodos, que invade a Península e dela se apossa.

Os ostrogodos, de sua parte, também se insurgiram contra o pequeno chifre, agora em desenvolvimento com a ascendência do bispo de Roma. Este ficara em campo livre para a sua expansão desde a saída de Constantino, quando estabeleceu a sede do Império em Constantinopla. O imperador Justiniano, do oriente, em 533, com um decreto oficializou a supremacia daquele bispo sobre todas as igrejas contra o que se rebelarem os ostrogodos. Em 538, derrotados estes pelo general Belisário, que se valera da aliança com os lombardos do norte da Itália, foram eles por completo desenraizados da Península. É o segundo chavelho do conjunto dos dez a desaparecer, propiciando o crescimento do pequeno chifre. E, nesta circunstância, o imperador Justiniano confirma a supremacia do bispo de Roma, alegorizado, repita-se, pelo pequeno chifre.

Receoso dos seus aliados, os ostrogodos, valeu-se o “papa” da ajuda de Pepino, o Breve, das Gálias, para derrotá-lo, ocasião em que aquele rei gaulês entrega ao pontífice Estêvão II o domínio dos ducados de Roma, a primeira parte dos territórios do “papa”, nascendo assim os

Estados Pontifícios. É o chavelho, antes de pequenas proporções, a robustecer-se!

Finalmente, os lombardos, o terceiro chifre a ser superado, os quais, inconformados com a espoliação, se insurgiram sob o comando de Didier, contra o “papa”, também foram em 774 totalmente destruídos por Carlos Magno, que confirmou ao pontífice a posse do ducado de Roma e acrescentou-lhe a Córsega, Parma, Mântua, todo o exarcado de Ravena, as províncias do Vêneto e da Ístria e os ducados de Spoleto e de Benevento.

Por oportuno, observe-se o exato cumprimento da profecia apresentada na visão de Daniel. Estes três reinos, significados pelos três chifres, “FORAM ARRANCADOS” (7.8) em favor do chavelho que surgiu por último. Não foi o pequeno chifre que os arrancou. Mas outros (Teodorico, Belisário, Pepino e Carlos Magno), no cumprimento exato da profecia, os abateram em prol daquele que seria diferente de todos os reinos.

É a constância da História! Em tudo e sempre, o “papa” se vale dos outros na sua expansão e no seu predomínio.

Desarraigados sucessivamente, os três reinos (o dos hérulos, o dos ostrogodos e o dos lombardos), Carlos Magno, rei da França, após vencer os lombardos, confirmou a doação feita por Pepino, o Breve, seu pai, dos territórios desses três reis abatidos, ao “papa” que, a partir de 756, soberano único dos Territórios Pontifícios, se tornou, ao mesmo tempo, cumprindo-se dessa forma a alegoria profética dos “*dois chifres semelhantes aos de um cordeiro*” (Apocalipse 13.11), tornou-se o “papa”, soberano espiritual sobre a Europa, e chefe temporal dos Estados Pontifícios, os quais lhe outorgariam independência política para mais facilmente imiscuir-se na política internacional e na política interna dos povos.

E, no dia 25 de dezembro de 800, o “papa” Leão III coroou Carlos Magno imperador do novo SANTO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE, sob a suserania do Pontífice de Roma.

Nesta postura de grandeza, feito mais robusto na sua prepotência sobre os reinos sobreviventes e deles, por sua influência religiosa, diferente, o “papado” por origem e missão pode perscrutar toda a sociedade com os seus “OLHOS” (Daniel 7.8, 20), de tudo sendo informado para agir com segurança e malícia.

Os seus “OLHOS”, que são os confessionários espalhados pelo mundo inteiro e através dos quais o “papado” de tudo se informa. Os seus “OLHOS” que são as nunciaturas apostólicas ou embaixadas junto dos chefes de Estado, olhômetros da política das nações. Os seus “OLHOS” que também são certas associações religiosas ou de cunho social como as até de empregadas domésticas, as quais, instruídas com esse nefando programa, olham tudo quanto se passa na intimidade dos lares visados e tudo baldeiam para os foros papistas.

Nem o recesso das famílias lhe escapa! Na eventualidade de querer informar-se da sua vida e dos assuntos conversados e confidenciados na privacidade das casas, quando acontece de as pessoas postas em alvo serem omissas na frequência do confessionário, encaminham-se

serviçais domésticas adrede instruídas e treinadas. Essas olheiras, no desempenho de suas atribuições profissionais, são esmeradas e fiéis exatamente para conseguirem inteira confiança. Credoras de confiança, aproximam-se das pessoas da família e entram em todas as dependências da casa. Simpáticas e prestimosas, servem durante as refeições às mesas. E vão, ouvidos ligados e apurados, olhando e captando todos os assuntos... E depois... Missão cumprida!!!

No pequeno chifre, diferente dos outros e que sobre estes se robustecera, além dos olhos, destacava-se *“uma BOCA que falava com insolência”* (Daniel 7.8, 20). Chamou, outrossim, a atenção de Daniel a *“voz das insolentes palavras que o chifre proferia”* (Daniel 7.11), *“palavras contra o Altíssimo”* (Daniel 7.25). Abram-se as encíclicas, leiam-se as definições dogmáticas, ouçam-se os pronunciamentos papais. Palavras altissonantes! Frases bombásticas! Adultrações do Evangelho!!!

Agigantara-se o chavelho, olhos longos do confessor, da diplomacia, das empregadas domésticas. Suplantara os demais cornos. Boca arrogante a despejar, encobertas em frases grandiloquentes, palavras contra o Altíssimo.

Prepotente, move *“guerra contra os santos”* (Daniel 7.21, 25). É da própria estrutura do “papado” a execranda Inquisição, por escárnio aos santos, cognominada de “Santa”, a “Santa Inquisição” (citação de meu livro **A BESTA DO APOCALIPSE**).

.oOo.

## JESUS CRISTO

A Esperança Messiânica é a espinha dorsal de Daniel. Ela, aliás, se derrama por todo o Antigo Testamento desde os primeiros capítulos de Gênesis e em sua extensão vai-se ampliando até se constituir em tônica da pregação dos profetas. Nas considerações danielanas, de maneira particular, Jesus Cristo é o Grande Protagonista do drama de Israel oprimido pelas potências do mundo.

Os Impérios que se sucedem na História em marcha, apesar de desconhecem-no e de, em sua coalisão de forças, se oporem, vão preparando a irrupção do Reino dos Santos.

Em todas as cruéis vicissitudes do seu povo, Daniel vê a dimensão espiritual dos Tempos Messiânicos, a Nova Teocracia presidida pela Justiça e pela Santidade numa atmosfera de paz. Teocracia essa, de resto, que, na conceituação de Jesus Cristo e de Paulo Apóstolo, não se confundirá com o reino geográfico e racial de Israel.

## JESUS CRISTO, A PEDRA

A pedra é a metáfora com que Daniel inicia a sua proclamação da esperança messiânica.

Ao expor e interpretar o sonho do monarca babilônico, anuncia: “Quando estavas olhando, uma PEDRA foi cortada sem auxílio de mãos... se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra” (Daniel 2.34-35, 44-45).

Em sendo a Palestina o país dos rochedos, as Sagradas Escrituras, com muita frequência, aplicam a metáfora da pedra ou rocha a Deus (Deuteronômio 32.15, 31; 2º Samuel 22.47; 23.3; Salmos 28.1; 95.1; 144.1). “O Senhor é uma Rocha Eterna” (Isaías 26.4).

De conformidade com o salmista, Jesus Cristo é a Pedra que os construtores rejeitaram, e que “veio a ser a principal pedra, angular” (Salmo 118.22). É a “Pedra já provada, Pedra preciosa, angular, solidamente assentada” (Isaías 28.16).

A Pedra, fundamento do Reino Eterno, ainda não se tornou aquela “grande montanha” a encher toda a terra (Daniel 2.35).

Os próprios judeus a rejeitaram. Prognosticou-lhes Jesus esse trespasseiro gesto ao apresentar-lhes a parábola dos lavradores maus, Tão maus que mataram o próprio filho, herdeiro do proprietário (Mateus 21.33-41).

Os judeus ouvintes à pergunta de Jesus: “Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?”, sentenciaram: “Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos” (Mateus 21.40-41). Os lavradores maus são os próprios judeus por terem matado o Filho de Deus, a Pedra por eles, que deveriam ser os construtores, rejeitaram (v. 42). E, como consequência, ser-lhes-ia tirado o Reino de Deus e dado a um povo que desse fruto (v. 43).

Para este novo povo de Deus, o verdadeiro Israel porque espiritual, a Pedra, Jesus Cristo, foi posta como a Principal Pedra Angular, Eleita e Preciosa (1ª Pedro 2.4-10).

Jesus Cristo é a Pedra do povo de Deus constituído em Igreja (Mateus 16.18). Ninguém pode lançar outro fundamento além dEle (1ª Coríntios 3.11).

Pedra Fundamental e Angular da Igreja, contudo, não se transformou ainda naquela “grande montanha a encher toda a terra”. Ainda não feriu Ele os dedos da estátua do sonho profético de Nabucodonosor, pulverizando-a por completo. Ainda não esmiuçou e consumiu todos esses reinos dos homens para ela, a Pedra transformada em montanha, encher a terra com o Reino dos salvos e fraternizá-los de todas as raças.

## **A HUMANIZAÇÃO DO FILHO DE DEUS**

Antes da implantação plena e definitiva do Reino dos Santos, terão eles de enfrentar tribulações. Agudas umas, atrocíssimas outras.

A presença de Jesus Cristo, contudo, sustenta a Certeza Messiânica!

O profeta (capítulo 3) conserva um fato a exprimir a certeza garantida pela Presença!

A leitura da ocorrência empolga os corações engajados na Certeza Messiânica.

O monarca babilônico, no Campo de Dura, erigiu com a altura de mais de 30 metros, uma estátua de ouro de alto a baixo. Programou em sua honra majestoso e oficial culto.

Desafiados sob a ameaça de horrível morte em câmara de fogo ardentíssimo, os três companheiros de Daniel a prestar culto à colossal imagem em ouro esculpida pelo rei Nabucodonosor.

Terminantes, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, recusaram a proposta. Imbatíveis na sua coerência de fidelidade ao Senhor, retrucaram ao soberano: “Ó Nabucodonosor, quanto a isto não necessitamos de te responder. Se o nosso Deus, a Quem servimos, quer livrar-nos, Ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste” (Daniel 3.16-18).

Admirável firmeza dos três! Dispunham-se à prova, mesmo se o Senhor não os livrasse das mãos do verdugo soberano. Sentiam-se compensados pela própria lealdade a Deus.

O prodígio inaudito, todavia, faz timbrar a Presença sustentadora da Certeza Messiânica.

“*Atados*”, caíram os três dentro da fornalha. “*Soltos*”, andavam passeando entre o fogo. Admiraram-se os algozes por lhes queimar o fogo somente as cordas e desatá-los. Nem as labaredas lhes chamuscaram os cabelos. Nem a fumaça impregnara-lhes as roupas.

O Senhor Deus não os livrara **DA** fornalha; poupou-os **NA** fornalha. **NA** fornalha porque é nela que os Seus servos devem provar sua inquebrantável fidelidade a Ele.

Patenteia-se no episódio o Poder de Deus! Revela-se, sobretudo, o Messias! Ao lado dos três, passeando entre o fogo, como um quarto homem, encontrava-se Jesus Cristo.

E na economia do Velho Testamento, por várias vezes, Jesus Se manifestara sob a forma de anjo, fizera-o também, como neste incidente, na forma de homem. Assim sucedeu a Abraão junto dos carvalhos de Manre a anunciar-lhe o próximo nascimento miraculoso de Isaque e a destruição de Sodoma e Gomorra (Gênesis 18).

Garantiu Jesus Cristo a Sua presença permanente com os discípulos: “*Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século*” (Mateus 28.20).

Com o Seu povo estará para animá-lo e confortá-lo: “*Não temas, porque Eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és Meu. Quando passares pelas águas, Eu serei contigo; pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti*” (Isaías 43.1-2).

São as lições decorrentes da decisiva prova pelos três companheiros de Daniel na fornalha de fogo ardentíssimo. É o prenúncio em fato concreto da encarnação de Jesus Cristo.

# **JESUS CRISTO, A PESSOA DIFERENTE DA DO ETERNO**

O aprendizado humano é gradual. Um desenvolvimento. Conhecedor da estrutura da Sua criatura, Deus, aos poucos, Se lhe revela. Daí um outro motivo para não nos atermos a uma só passagem bíblica isolada de todo o teor das Escrituras e sobre ela ou dela, assim isolada, construirmos ou extrairmos uma doutrina. Incorreríamos no perigo de atingirmos uma conclusão falsa e aberrante.

Se Deus Se revelasse de uma só vez aos homens, as Escrituras Sagradas se comporiam de apenas um livro. Nelas, todavia, há tantos livros repartidos em tantas partes e nos mais variados gêneros literários, exatamente por ser, na sua gradualidade, a Revelação Divina um desenvolvimento a atingir o seu auge, a sua plenitude para a Dispensação da Igreja, em Apocalipse, em cujas páginas esplende a Presença Indefectível, Soberana e Pujante de nosso Senhor Jesus Cristo.

No relato do sonho profético-alegórico dos quatro animais (capítulo 7), Daniel amplia mais um pouco a revelação acerca do Messias: *“Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias Se assentou; Sua veste era branca como a neve e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o Seu rosto eram chamas de fogo, e Suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dEle; milhares de milhares O serviam, e miríades de miríades estavam diante dEle; assentou-se o tribunal e se abriram os livros”* (Daniel 7.9-10).

Sentado no trono de fogo, escoltado por milhares de milhares e servido por miríades de miríades, o “Ancião de Dias” é o próprio Deus. Tronos, no plural, havia, mas o Ancião Se assentou somente em um. É a majestade do Juízo e a plenitude dos poderes de Deus indicados no plural intensivo dos tronos.

A descrição do trono evoca-nos Ezequiel (1.15-21; 10.2). O fogo participa, desde idos tempos, das teofanias. A sarça ardente no fogo sem a consumir chamou para Deus a atenção de Moisés (Êxodo 3.2-6). *“Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo”* (Êxodo 19.18). Os milhares e as miríades são os anjos, como já ao tempo de Acabe, contemplara o profeta Micaías: *“Vi o Senhor assentado no Seu trono, e todo o exército do céu estava junto a Ele, à Sua direita e à Sua esquerda”* (1º Reis 22.19).

Assentando-Se o Ancião, abrem-se os livros nos quais se consignam as ações e as lágrimas dos homens, como em figura outras passagens anotam (Salmos 56.8; Isaías 65.6; Malaquias 3.16).

Consternara-se o profeta ante o espetáculo das bestas figurais emergentes, quais princípios maléficos, do abismo. Quando, não do oceano revolto, mas do céu sobrevem-lhe, em grandioso espetáculo, a reconfortante visão de Deus, Eterno Juiz.

Entrementes, *“eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e*

*homens de todas as línguas O servissem; o Seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o Seu reino jamais será destruído”* (Daniel 7.13-14).

É a Divindade em duas Pessoas manifesta: o Eterno na figura do Ancião e o Rei na forma de Filho do Homem, nosso Senhor Jesus Cristo. Trata-se de outro grande passo na revelação da diversidade de Pessoas na Unidade Substancial de Deus.

Esse como Filho do Homem é Deus em Pessoa distinta da Pessoa de Deus Pai... Deus é Ele a manifestar-Se das nuvens do céu, uma outra característica das teofanias. As nuvens quais carros a conduzirem o Senhor (Salmos 104.3). A coluna de nuvem a guiar os hebreus em sua jornada pelos desertos era a presença de Deus à frente do Seu povo israelítico (Êxodo 13.21). E em uma nuvem espessa falara o Senhor Deus a Moisés no Sinai (Êxodo 19.9).

Em nuvens Se manifesta o Filho a Daniel porque, e sendo Deus, em Sua gloriosa ascensão uma nuvem O receberá (Atos 1.9) e nas nuvens recolherá os Seus no culminante episódio do Arrebatamento (1ª Tessalonicenses 4.17).

Os quatro animais são simbólicos. Representam quatro reis. O rei é tomado nas Escrituras pelo reino. Então as feras significam os reinos.

Nesse contexto simbólico, o Filho do Homem é Jesus Cristo em sentido pessoal, tanto assim que Ele próprio Se atribui esse título a manifestar-Se solene nas nuvens do céu. *“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória”* (Mateus 24.30; 26.64).

Se o rei é tomado pelo reino, o Filho do Homem também manifesta a comunidade teocrática dos tempos messiânicos, sob o domínio, a glória e o reino de Jesus Cristo (Daniel 7.14). *“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade”* (Daniel 7.18).

Como uma digressão dentro do registro da visão gloriosa, retorna o profeta a lembrar a voz do pequeno chifre, a morte e destruição do quarto animal e a prolongação da vida dos outros animais (vv. 11-12), porquanto antes da implantação definitiva do Reino Messiânico a ela se oporão as forças dos impérios dos homens. Sob a arrogância do Anticristo, alegorizado no pequeno chavelho, os santos serão consumidos em sinistras perseguições.

A estátua profética dos sonhos de Nabucodonosor potencialmente ainda existe. A Pedra não a destruiu por completo. Sua ferida mortal está sendo outra vez curada (Apocalipse 13.3, 12). Monta-se o MERCADO COMUM EUROPEU a abranger já vários países, na revivescência inevitável do antigo Império Romano figurado no quarto animal das visões de Daniel e na primeira besta de Apocalipse 13.1-10.

Reviverá ela, a besta, desta vez por curto espaço de tempo, a fim de se cumprirem os vaticínios de seu total e definitivo aniquilamento.

Eminentes pensadores têm lutado em prol de uma filosofia política enraizada no sobrenatural que norteie o estado e o Direito

Internacional. Conquanto credenciem-se eles ao nosso respeito e à nossa admiração, frustram-se e baldados são os seus esforços.

Os pregadores do “Evangelho Social” ou da “Teologia da Libertação”, de sua parte, além de corromperem o Evangelho, desviam o ministério da sua legítima pregação para fins alheios à Mensagem de Salvação.

Não se trata de salvar o Estado, o Poder Público, a Força Política pelo processo da pregação. Jamais o Estado se converterá. O império da política será destruído pelo choque violento da Pedra que esmiuçará todos os povos e todos os países. Despedaçar-se-ão de encontro à Pedra.

A missão do pregador consiste em anunciar o Evangelho, movendo o pecador ao arrependimento e à aceitação genuinamente evangélica de Jesus Cristo como seu único Salvador, descansando nEle como sua Rocha de Salvação.

O Império Romano, a *“besta que.. era e que não é”*, *“está para subir do abismo”*. Todos quantos têm os seus nomes inscritos no Livro da Vida admirar-se-ão quando virem que a besta *“que era e não é, está para emergir do abismo... se admirarão vendo a besta que era e não é, mas aparecerá”* (Apocalipse 17.8).

Esmiuçada pela Pedra, *“como a palha das eiras no estio”* (Daniel 2.35, 45). Parceiro de sua desdita, ser-lhe-á o Anticristo, alegorizado pelo pequeno chavelho, porque, julgado, perderá seu domínio, será destruído e até o fim desfeito (Daniel 7.26).

Vitoriosa a Pedra, tornar-se-á *“grande montanha”* e encherá toda a terra (Daniel 2.35), implantando-se o Messiânico Reino Eterno, Indestrutível.

## **SANTIDADE, RESURREIÇÃO E GALARDÕES**

No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, profundamente abatera-se Daniel pelo fato de, em estando com seu povo no desterro babilônico, ser impossibilitado de praticar a Páscoa, consoante os ritos estabelecidos por Deus. Em três semanas inteiras pranteou e jejuou (Daniel 10.1-3).

Aos vinte e quatro do primeiro mês daquele não, ainda na conjuntura das suas reminiscências pascais, quedava-se à margem do rio. E, em êxtase, contemplou *“um Homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de puro ouro de Ufaz; o Seu corpo era como o berilo, o Seu rosto, como um relâmpago; os Seus olhos, como tochas de fogo; os Seus braços e os Seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das Suas palavras era como o estrondo de muita gente”* (Daniel 12.5-6).

É nosso Senhor Jesus Cristo a ser contemplado por João detido na ilha de Patmos *“por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”* (Apocalipse 1.9). Jesus Cristo, *“semelhante a um Filho de*

*Homem, com vestes talares, e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A Sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas”* (Apocalipse 1.13-15).

E, como os companheiro de Paulo a caminho de Damasco (Atos 9.7), os de Daniel também nada viram.

O capítulo 10 de Daniel conserva “A GRANDE VISÃO” quando o profeta não só contemplou o Senhor Jesus Cristo, mas também ouviu “*a voz das Suas palavras*” (Daniel 10.8-9).

A contemplar Jesus transfigurado na Sua inexcedível glória, João “*como morto*”, caiu a Seus pés (Apocalipse 1.17). Perante a Majestade do “*Homem vestido de linho*”, Jesus Cristo, desfigurou-se Daniel em suas feições e esvaíram-se-lhe as forças (Daniel 10.8).

Eis outro passo na revelação da Pessoa Divina de Jesus! O da Sua Santidade, perante a qual a criatura se aniquila.

Estas cenas antecipam o eterno culto de adoração nos céus a Jesus Cristo, o Cordeiro, diante de cuja Santidade se rojam as miríades celestiais (Apocalipse 5.1-14).

Servido por Miguel, o Senhor Jesus suplantara o príncipe do reino da Pérsia que O resistira por vinte e um dias (Daniel 10.13). Servido, outrossim, por Gabriel, revela ao mesmo Jesus Cristo a Daniel os próximos eventos terrestres a ocorrerem com o seu povo (capítulo 11) e, ainda por intermédio de Gabriel, revela ao profeta o “*tempo da tribulação*” em cuja época livrar-se-á todo o inscrito no Livro (Daniel 12.1). Os versículos 2 e 3 do capítulo 12 guardam, como num apogeu da revelação, o máximo acontecimento da História: A RESSURREIÇÃO. “*Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno. Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente*”.

Neste apogeu da Revelação Messiânica em Daniel é a primeira vez que as Sagradas Escrituras aludem à Ressurreição e empregam a locução “*Vida Eterna*”.

O início do versículo 2 “*e muitos...*” não tem e nem pode ter, é evidente, um sentido limitativo, como se outros jamais ressuscitassem. Quer dizer, sim: “E A MULTIDÃO DAQUELES QUE DORMEM...”

Os fiéis ou sábios do povo de Daniel, os hebreus, e também todos os demais fiéis e sábios de todos os povos ressuscitarão para a Vida Eterna. Os ímpios e os trãnsfugas da legítima fé, quer dos judeus, quer dos outros povos, também ressuscitarão, mas para a vergonha e desprezo eterno.

As “*maravilhas*” surpreendem o profeta e delas quer minúcias. Inquire, pois, diretamente o Senhor Jesus Cristo a pairar por cima das águas do rio: “*Quando se cumprirão estas maravilhas?*” (v. 6).

O “*Homem vestido de linho, que estava por sobre as águas do rio*”, levantando as mãos a garantir sob juramento a efetivação do vaticínio, anuncia o “*tempo da tribulação*” pelo período de “*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*”, finda o qual, “*todas estas coisas se cumprirão*”.

Ao encerramento definitivo de tudo, com a ressurreição, Daniel receberá o seu quinhão, a sua herança, o seu prêmio e os seus galardões (v. 13). Por conseguinte, Jesus encerra o Livro do profeta com a magnífica promessa dos galardões para todos quantos à semelhança de Daniel, como sábios, se purificarão, se embranquecerão, e serão acrisolados na fidelidade do Senhor.

**.oOo.**